UBER: AS NOVAS **ENCRENCAS** QUE ABALAM A IMAGEM DA COMPANHIA

VAREJO: COMO FICARÁ O MERCADO APÓS A VENDA DE **CASAS BAHIA** E **PONTO FRIO**

FINANÇAS: QUEM É **CAIO MEGALE**, O DONO DO COFRE DE SÃO PAULO

ISTOÉ Dinheiro

"Se a Odebrecht lançar ações na Bolsa, certamente irei avaliar a compra"
Mark Mobius

Mark Mobius

POR QUE O HOMEM DE R$ 100 BILHÕES INVESTE TANTO NO BRASIL

O VETERANO MEGAINVESTIDOR COMPROU VÁRIOS BILHÕES DE DÓLARES EM PAPÉIS DE EMPRESAS BRASILEIRAS NOS ÚLTIMOS 30 ANOS E, COM CRISE OU SEM CRISE, NUNCA DEIXOU DE APOSTAR NO PAÍS. ELE APROVEITOU O CARNAVAL PARA VER DE PERTO AS PESSOAS E OS NEGÓCIOS QUE TANTO O ATRAEM – E GOSTOU DO QUE VIU

Dinheiro da Redação

Dinheiro para guerra

Poucos discordam que as escolhas do Sr. Trump são sempre, para dizer o mínimo, estarrecedoras. E não apenas no plano político, como também no campo econômico. A última delas não fugiu ao figurino. Dando vazão ao seu pendor belicoso, o presidente dos EUA acaba de anunciar uma robusta ampliação do orçamento militar, da ordem de US$ 54 bilhões. Trata-se do maior montante – que deve alcançar um total de assombrosos US$ 650 bilhões no ano – poucas vezes gasto pelos americanos ou por qualquer outra nação em tempos de paz. Trump fez – é claro! – a alegria da indústria armamentista e ganhou apoios inclusive entre a população conservadora de seu País, que faz gosto nos investimentos em segurança. Para o mundo, a atitude representou um desatino. O governo do showman empresarial pretende cortar verbas da assistência internacional e de proteção ao ambiente para os novos dispêndios militares. Sua justificativa, para não fugir ao discurso eleitoral, é o combate sistemático aos grupos extremistas. Trump envereda por uma vertente perigosa de relacionamento com o mundo que pode levá-lo ao isolamento gradativo. A alta histórica na verba de defesa parece induzir a ideia de que o Sr. Trump se prepara para uma guerra. A fatia direcionada a armamentos especiais é a maior delas. A parte reservada para aumento de tropas combatentes vem a seguir. Ainda não está claro qual pode ser o impacto no déficit dessa, digamos, nova coqueluche de Trump. O certo é que movimentos como esse, somados a construção de um muro na fronteira com o México e outros dispêndios excêntricos, não estavam na conta alinhavada com o Congresso e terão de passar agora por seu crivo. No afã belicista da era Trump, os EUA também estudam abandonar o órgão de direitos humanos da ONU, revertendo uma decisão tomada em 2009 por Obama, quando o País aderiu ao conselho criado pelas Nações Unidas. No caminho que parece pregar uma auto suficiência em todos os

EXCLUSIVO ONLINE istoedinheiro.com.br

ECONOMIA | MERCADO DIGITAL | NEGÓCIOS | ESTILO | FINANÇAS | INVESTIDOR | BLOGS E COLUNAS | MULTIMÍDIA

Tecnologia

Nokia e Blackberry voltarão a brilhar em celulares?

A finlandesa Nokia e a canadense RIM, dona da marca BlackBerry, já foram estrelas do emergente mercado de celulares. A Nokia liderou o mercado mundial de celulares de 1998 até meados dos anos 2000. E a RIM criou o conceito de smartphone com teclas e um inédito serviço de e-mail. As duas empresas, no entanto, perderam relevância quando a Aplle lançou o iPhone, em 2007. Agora, as duas marcas estão tentando voltar ao mercado de smartphones. Será que elas vão conseguir recuperar o tempo perdido? Leia no artigo de Ralphe Manzoni Jr., no blog BASTIDORES DAS EMPRESAS: http://bit.ly/2mdUJaI

Ameaça digital

No ciberespaço reina um clima de "guerra fria", diz chefe da Kaspersky

Risco de ataques cibernéticos nas eleições, atos de ciberguerra e ciberterrorismo. Pela primeira vez a ciberameaça está sendo discutida e, de acordo com o chefe da empresa de segurança informática Kaspersky Lab, **Eugene Kaspersky**, a digitalização provoca novas ameaças para a estabilidade do mundo. Até o momento, segundo ele, as mais sofisticadas envolvem a cibercriminalidade e a espionagem. Acesse a entrevista concedida durante o Congresso Mundial de Celulares (MWC) de Barcelona: **http://bit.ly/2mJWWJ2**

FOTOS: SAUL LOEB | MANU FERNANDEZ | VLADIMIR TREFILOV

sentidos, a política comercial dos americanos passou a apostar num incremento de medidas protecionistas desastrosas, ignorando decisões consagradas na OMC. Na agenda enviada ao Congresso, Trump sugere, por exemplo, a preferência por acordos bilaterais em detrimento dos multilaterais e a revisão de negociações globais como a do Nafta. Um retrocesso tremendo que já provocou reclamações sobre a legitimidade de tais escolhas, não apenas por parte dos parceiros como também através de representantes da própria Organização Mundial do Comércio. Entrou em pauta na OMC a aplicação de penalidades por eventuais violações. Se era briga o que Trump procurava, ele já começou a achar. E isso vai levar muito mais dinheiro do que ele pensa.

Carlos José Marques,
diretor editorial

Índice

NEGÓCIOS: quem vai comprar a Via Varejo?... pág. 40

SETOR ELÉTRICO: a nova fatura da redução forçada das tarifas... pág. 20

UBER DERRAPA: acusações de assédio sexual, processo e uma discussão de seu CEO com um motorista. Como a startup vai sair dessa?... pág. 52

CAPA: por que Mark Mobius não desiste do Brasil... pág. 34

SEMANA – O sucesso do IPO do Snapchat... pág. 10

MOEDA FORTE – A reeleição de Roberto Azevedo para a OMC... pág.12

SUSTENTABILIDADE – A revolução dos alimentos orgânicos... pág. 14

ENTREVISTA – Patrick Mendes, CEO da AccorHotels América do Sul... pág. 16

DINHEIRO E TECNOLOGIA – YouTube prepara-se para concorrer com TVs a cabo... pág. 54

COBIÇA – A Ferrari está ainda mais rápida... pág. 57

DINHEIRO DO INVESTIDOR – Robôs ajudam a escolher o melhor investimento... pág. 59

ARTIGO – Notícias falsas ameaçam sua marca... pág. 66

CAPA – Marcelo Tabach

Turismo

Diaspora.Black, o "Airbnb" dos negros

Um grupo de empreendedores cariocas, liderados por **Carlos Humberto Silva Filho,** criou o Diaspora.Black, site de hospedagem compartilhada para integrantes da diáspora negra e interessados nesta temática. Qualquer semelhança com o site americano Airbnb não é mera coincidência. Afinal, foi a partir de algumas frustrações vividas nesta plataforma que Carlos Humberto decidiu ingressar neste mercado. Entenda melhor essa história no artigo de Rosenildo Ferreira, no blog EMPREENDEDORISMO SUSTENTÁVEL: **http://bit.ly/2mx56aK**

DINHEIRO 90"

Cinco passos para se libertar das amarras da procrastinação

O hábito de adiar tarefas e deixar decisões importantes para o futuro pode ser revertido com alguns passos simples. Quem ensina o que fazer é o coach comportamental e palestrante **Mauricio Souto.**

BLOGS E COLUNAS

Nossos blogueiros e colunistas analisam a economia, os negócios, o consumo e muito mais! Confira no site da DINHEIRO:

Economia Consciente
Por Álvaro Almeida

Diversidade corporativa
Por Mauricio Pestana

República do Automóvel
Por Sergio Quintanilha

Vídeo

É hora de investir no Brasil?

O gestor americano Mark Mobius enxerga muitas oportunidades no Brasil, especialmente em infraestrutura. Segundo ele, ainda devem entrar muitos investimentos externos no País. Quando o assunto é o mercado de ações, a aposta de Mobius inclui bancos e commodities. Confira uma análise da reportagem com **Cláudio Gradilone.**

FOTOS: JULIE GLASSBERG | RAFAEL HUPSEL/ AG. ISTOE | LETICIA LUPPI

Dinheiro na semana

POR MÁRCIO KROEHN E PAULA BEZERRA

Tecnologia

Snapchat, o aplicativo bilionário da bolsa

ESTREIA DE GALA: no primeiro dia de negociação na bolsa, as ações da Snap registraram alta de 44% e o valor de mercado da empresa cresceu US$ 4,3 bilhões

Com um desempenho meteórico e surpreendente, a empresa Snap Inc., dona do aplicativo Snapchat, famoso por apagar mídias postadas em sua rede social após 24 horas, estreou com sucesso na Bolsa de Nova York, na última quinta-feira. A oferta pública inicial (IPO, na sigla em inglês) atingiu US$ 3,4 bilhões, muito acima da estimativa inicial de US$ 1,6 bilhão. É o maior IPO do setor de tecnologia desde o Twitter, que arrecadou US$ 1,82 bilhão há três anos. A procura pelos papéis da Snap foi 10 vezes maior do que a estimada pelos bancos coordenadores do IPO, que elevaram para US$ 17 o preço inicial da ação – a marcação prevista estava entre US$ 14 e US$ 16. No primeiro dia

Memória

O adeus a Pedro Piva

O empresário e ex-senador Pedro Piva morreu no domingo, 26 de fevereiro, aos 83 anos. Membro do conselho de administração da empresa de papel e celulose Klabin, ele foi suplente de José Serra (PSDB) no Senado e ocupou a cadeira durante sete anos, no governo FHC. O seu projeto de maior destaque foi destinar 2% da arrecadação das loterias para financiar os comitês Olímpico e Paralímpico Brasileiro. Casado com Sylvia Lafer Piva, deixa três filhos: Eduardo, Regina e Horácio Lafer Piva, que foi presidente da Fiesp.

Internacional

Más notícias para Macri

A escalada da inflação na Argentina atingiu 10,5% e alcançou produtos essenciais da cesta básica, como o pão. Essa disparada tem colocado em xeque o governo do presidente Maurício Macri, que está sendo investigado por tráfico de influência. Depois de o país encerrar 2016 com a pior inflação dos últimos 24 anos, Macri passou a receber duras críticas de especialistas. Eles indicam que é preciso adotar um plano de metas trianuais nas áreas fiscal, monetária e de incentivos ao consumo, além do setor elétrico.

Varejo

Fnac: sai ou não sai do Brasil?

O presidente mundial da Fnac, Alexandre Bompard, disse, durante a divulgação dos resultados, que a "operação no Brasil vai ser descontinuada". No entanto, a unidade brasileira tratou de corrigir a informação: a empresa está numa ativa busca por um parceiro para reforçar sua operação no País. A ideia é ter uma posição mais relevante nos resultados do Grupo.

Bebidas

Copo meio cheio na Ambev

A participação do Brasil na receita da Ambev, que engloba o Canadá e as Américas do Sul, Central e Caribe, caiu de 56,3% para 54,7%, em 2016. No ano, a receita líquida diminuiu 2,4%, para R$ 45,6 bilhões. Essa é a primeira vez na história que a empresa registra retração. O faturamento com cerveja no País recuou 5,7% no ano e as vendas encolheram 6,6%.

AUTOMÓVEL DIGITAL

O brasileiro é o consumidor que mais valoriza a presença de tecnologias que dão assistência ao motorista, segundo pesquisa global da consultoria GfK. De acordo com o levantamento realizado em 17 países, sensores de estacionamento, sistemas adaptáveis de controle de velocidade e o acionamento do motor sem o uso de chave são os itens que os brasileiros mais apreciam como diferencial de um veículo. Chineses e coreanos vêm logo a seguir nesse ranking.

Fonte: GfK

FOTOS: BRYAN R. SMITH | JUAN MABROMATA | JOSE PAULO LACERDA /AE

de negociação, a Snap teve valorização de 44%, a US$ 24,54. O valor de mercado passou de US$ 24 bilhões para US$ 28,3 bilhões. Analistas indicam que a boa aceitação por parte dos investidores demonstra a confiança no potencial da rede social, que viu suas receitas crescerem de US$ 58 milhões, em 2015, para US$ 404,5 milhões, em 2016. No entanto, o prejuízo superou US$ 500 milhões no ano passado. O boom que o Snapchat teve em seu lançamento, em 2011, nos EUA, passou a ser ofuscado pelo Instagram, do Facebook, que desenvolveu, no ano passado, uma ferramenta similar de fotos e vídeos com prazo de validade. É preciso conferir se esse desempenho inicial vai durar mais que um dia.

Reputação

A gafe da PwC no Oscar

E o Oscar vai para... Certamente não será para a empresa de auditoria PwC, que promoveu uma trapalhada na entrega do Oscar, na noite de domingo 26, após 83 anos de serviços prestados à Academia de Hollywood. Dois auditores da PwC entregaram o envelope errado para os atores Warren Beatty e Faye Dunaway. Em vez do nome do vencedor de melhor filme do ano, o envelope continha a premiada como melhor atriz, Emma Stone, de La La Land. Confusos, eles anunciaram o musical como vencedor do ano. Mas, após dois minutos, o produtor de "La La Land", Fred Berger, corrigiu a informação e anunciou o prêmio a "Moonlight" (*foto*). A PwC teve de se desculpar e esclarecer a falha.

NÚMEROS

R$ 4,4 trilhões
FOI O ACUMULADO da dívida bruta do governo geral no Brasil até janeiro de 2017. O valor do endividamento em relação ao PIB subiu de 69,6% para 69,7%.

US$ 1 bilhão
É A PENALIDADE imposta pelos EUA à japonesa Takata, fornecedora de peças para o setor automotivo, por divulgar relatórios considerados confusos sobre a ruptura de airbags.

R$ 327,3 milhões
É O ORÇAMENTO previsto para o Programa Seguro-Emprego, do governo federal, em 2017. No ano passado, os gastos foram de R$ 170 milhões.

485 mil
É O NÚMERO de pessoas que perderam o benefício do programa social Bolsa Família, nos últimos três anos.

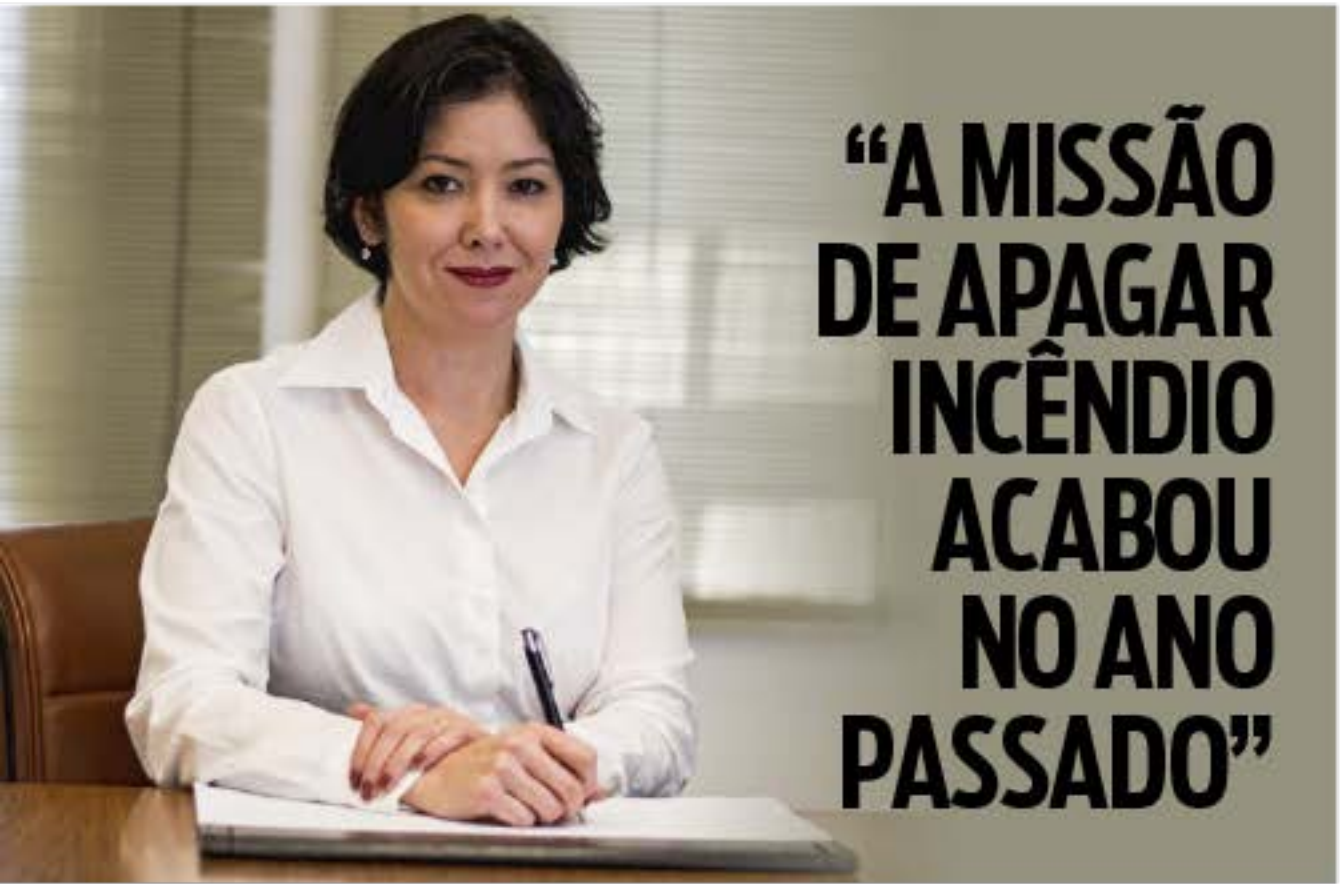
44 mil
FOI O TOTAL de vagas perdidas na indústria naval entre 2015 e 2016, segundo a Sinaval. O aumento do desemprego no setor foi provocado pela operação Lava Jato e pela crise na Petrobras.

Estatal

Correios em busca de sócios privados

Com um rombo na casa dos R$ 2 bilhões, os Correios poderão ganhar parceiros da iniciativa privada. O governo federal sinalizou que, para dar sustentabilidade ao caixa da companhia, segregaria atividades rentáveis em logística, encomendas expressas e serviços financeiros. Essas três subsidiárias independentes ajudariam na busca por um sócio privado. O modelo de concessão ou parceria, porém, ainda não está definido. Há a previsão de criação de minifranquias em cidades do interior, onde a rede é deficitária.

Por **Carlos Sambrana**
COM ANDRÉ JANKAVSKI, HUGO CILO, RODRIGO CAETANO E PAULA BEZERRA



"A MISSÃO DE APAGAR INCÊNDIO ACABOU NO ANO PASSADO"

Desde 2013, quando foi comprada por cerca de R$ 600 milhões pela rede de farmácias americana CVS Health, uma gigante com faturamento anual de US$ 177,5 bilhões, a Onofre vem passando por uma grande reestruturação. Além de, até hoje, o valor da compra ser discutido em uma câmara de arbitragem entre a empresa americana e a família Arede, os antigos controladores, o negócio foi completamente remodelado. As 47 lojas foram reduzidas para 37 e as que sobraram estão sendo repaginadas. **Elisangela Kioko**, diretora-geral da rede, falou com a coluna:

O que mudou na Onofre desde a compra pela americana CVS?
A Onofre foi comprada em 2013 e, desde então, tem passado por uma reestruturação para profissionalizar a operação. A missão de apagar incêndio acabou no ano passado e, em 2017, estamos trabalhando o posicionamento da rede junto ao cliente.

A senhora disse que a empresa passou por uma grande reestruturação. Quais áreas foram mais afetadas?
Não teve uma só área, mexemos em liderança, na cultura da empresa, nas pessoas. Como a Onofre agora é de uma empresa americana, num primeiro momento, foi fortalecido o *compliance*. No ano passado, trabalhamos muito a cultura e a disciplina financeira. De agora em diante, trabalharemos a performance do time. Mexemos muito em infraestrutura e nos processos, desde a mudança de sistemas de lojas, de logística e *e-commerce*, toda a integração. Também mudamos o nosso centro de distribuição, que saiu do bairro da Vila Leopoldina (na capital paulista), para Tamboré (na Grande São Paulo), com capacidade maior para atender as necessidades logísticas do delivery e do *e-commerce*.

MENOS É MAIS: a nova loja da Onofre, no Barra Shopping, no Rio de Janeiro, tem 450 m². Equivale a três lojas de 150 m²

Quais eram as principais deficiências da operação?
A infraestrutura, sem dúvida. Antes, eu tinha uma limitação por conta do Centro de Distribuição. Não podia nem falar do aumento de portfólio e nem no aumento do volume de demanda, porque não tinha capacidade física e tecnológica. Hoje, temos 4 mil metros quadrados, elevamos o nível de automação do novo CD e estamos preparados para crescer.

A senhora falou muito em *e-commerce*. Qual é a participação desse canal nas vendas da Onofre?
A venda online hoje responde por 40% do negócio. No início do ano passado, respondia por 30%. Esse é o nosso diferencial. Em São Paulo e no Rio de Janeiro, entregamos em quatro horas. Em Belo Horizonte, entregamos em até 3 horas.

Por vender tanto no online, há planos de concentrar mais no *e-commerce*?
A ideia é ser multicanal, investir em todas as frentes. O ideal é ter um equilíbrio, de 50% das vendas físicas e 50% das vendas online. Neste ano, vão abrir mais cinco lojas e continuamos investindo nas reformas das lojas da rede.

A Onofre tinha 47 lojas e hoje conta com 37 unidades. Por que a empresa encolheu?
Viemos num movimento de renovação dos ativos. Para ter um negócio sadio, ou você renova ou você abre e fecha loja. No ano passado, divulgamos o fechamento de algumas lojas por conta da nossa reestruturação. Fechamos 12 lojas, abrimos oito e renovamos 11. Nossa estratégia hoje não é ter uma loja em cada esquina. Precisamos ter poucas e boas lojas. Tem uma loja que abrimos no Barra Shopping, no Rio de Janeiro, com 450 m². Ela equivale a três lojas de 150 m².

A CVS discute o preço da compra da Onofre com os antigos controladores até hoje. Como está essa questão?
Não sou porta-voz da CVS no Brasil e não posso falar sobre isso.

FOTOS: NILO BIAZZETTO NETO | DIVULGAÇÃO

PERILLO EM BUSCA DO **DINHEIRO ÁRABE**

Depois de o prefeito de São Paulo, João Doria Junior, ter percorrido os Emirados Árabes em busca do dinheiro dos fundos soberanos para investir na capital paulista, o governador de Goiás, o também tucano **Marconi Perillo**, foi buscar recursos na região. Na semana passada, ele esteve em Abu Dabhi para assinar um protocolo de intenções para a construção de uma fábrica da Caracal, principal fabricante de armamentos do Oriente Médio, na cidade de Anápolis. Perillo se encontrou com o CEO da companhia, Hamad Salem Al Ameri, que deve investir R$ 100 milhões para a construção da unidade, em 2018, e, posteriormente, aportar mais R$ 500 milhões no negócio. O foco da Caracal é a produção de rifles e pistolas para uso exclusivo das Forças Armadas e de segurança pública.

NÃO PARA POR AÍ

A viagem do governador não se limitou à formalização desse empreendimento. Ele também esteve na Arábia Saudita, onde apresentou o projeto de um trem de passageiros entre Brasília e Goiânia. A via férrea tem previsão de consumir R$ 9,5 bilhões em investimentos, sendo R$ 7,5 bilhões da iniciativa privada, e o restante dividido entre os governos federal e estadual. A intenção de Perillo é contar com a ajuda dos fundos soberanos dos países árabes – só o saudita, tem mais de US$ 1 trilhão disponível. Nos Emirados Árabes, por sinal, ele já conseguiu uma sinalização positiva.

"Eu era o otário do governo; eu era o bobo da corte"

Marcelo Odebrecht, ex-presidente do grupo Odebrecht, em depoimento à Justiça Eleitoral

BANCO DE IDIOMAS?

A rede de escolas de idioma CNA quer virar um banco. Ou quase isso. Para recuperar parte das perdas do ano passado, quando viu seu faturamento cair 15%, para R$ 730 milhões, a empresa vem fornecendo créditos para seus franqueados e alunos. No ano passado, por exemplo, foi lançado um cartão de crédito para os estudantes pagarem mensalidades atrasadas em até 18 vezes. Pois neste primeiro semestre, a empresa lançará uma espécie de seguro-desemprego – o aluno que perder o trabalho terá seus pagamentos postergados por um período ainda não definido. "Estamos dando condições para que as pessoas não parem seus estudos", diz Décio Pecin, CEO da CNA, que encerrou 2016 com 600 unidades.

O TEMPERO MILIONÁRIO DO MADERO

A rede paranaense de restaurantes Madero, do chef **Junior Durski**, está perto de receber uma injeção de capital com a chegada de um sócio, provavelmente o fundo Warburg Pincus. Segundo uma fonte ligada à rede, com 84 unidades e um faturamento de R$ 446 milhões, o negócio será fechado ainda este mês, mas tem sido mantido a sete chaves em razão de uma cláusula de confidencialidade. A operação está sendo intermediada pelo Itaú BBA. Outro fundo que estaria interessado na Madero é o espanhol Mercapital, que adquiriu 70% da rede Rubaiyat em 2012, e o Gávea de Armínio Fraga. Procurada pela coluna, a empresa negou o estágio avançado da venda e disse apenas que nada está assinado.

"HÁ MUITA INCERTEZA NO RADAR HOJE"

Na mesma semana em que foi reeleito para comandar a Organização Mundial do Comércio por mais quatro anos, o brasileiro **Roberto Azevêdo** teve de lidar com as duras críticas do atual presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, contra a OMC. Com diplomacia, Azevêdo rebateu Trump e se disse otimista com o multilateralismo. Ele falou à coluna:

A OMC ratificou um de seus principais acordos, o Acordo de Facilitação de Comércio. Quais são as suas expectativas para o segundo mandato? E os principais desafios?
A OMC obteve resultados importantes nos últimos anos, com o Acordo de Facilitação de Comércio, o fim dos subsídios às exportações agrícolas e a expansão do Acordo de Tecnologia da Informação, por exemplo. É importante seguir esta linha nos próximos anos, obtendo resultados sempre que possível. Dito isso, há muita incerteza no radar hoje. Um desafio evidente é lidar com a retórica anticomércio, que cresce em alguns países, e com os riscos de que isso desencadeie medidas unilaterais e protecionistas. Mas, claro, precisamos continuar trabalhando para obter avanços, inclusive porque as circunstâncias ideais não existem.

Qual será o próximo passo da OMC depois da vitória com a assinatura do acordo?
Realmente, a entrada em vigor do Acordo de Facilitação de Comércio foi uma grande vitória. Hoje 113 membros da OMC já estão vinculados a esse Acordo. É importante agora apoia-los na implementação das medidas previstas, para que o Acordo faça diferença na prática, no dia-a-dia das empresas. Além disso, nosso trabalho também avança em outras áreas. Estamos tentando buscar entendimento em temas que já estão na agenda, como é o caso das distorções ao comércio agrícola. Ao mesmo tempo, muitos membros da OMC falam da importância de esforços coordenados para, por exemplo, facilitar investimentos e serviços, simplificando procedimentos, harmonizando as práticas dos países e aumentando a transparência das medidas governamentais. Depois do Acordo de Facilitação de Comércio, que se aplica a bens, cresceu rapidamente o interesse em expandir esse conceito para outras áreas.

Após o presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, fazer duras críticas à OMC, o sr. declarou que está disposto a sentar e conversar sobre as preocupações americanas. A posição americana em relação à organização pode ser prejudicial para o comércio mundial como um todo?
Os EUA claramente têm uma série de preocupações relacionadas ao comércio internacional, inclusive sobre a OMC e o sistema de solução de controvérsias da Organização. Estou pronto para conversar e discutir essas e outras preocupações com a equipe de comércio da nova administração americana, assim que eles estiverem prontos. Os EUA são naturalmente um membro muito importante para a OMC e para o comércio mundial. Nós estamos plenamente abertos ao diálogo.

FOTOS: FIAKOV KALININ | PAULO WHITAKER / REUTERS

Sustentabilidade

POR RODRIGO CAETANO

A REVOLUÇÃO ORGÂNICA

Quem duvida da força dos alimentos orgânicos, livres de agrotóxico e engenharia genética, deve olhar para os números do maior mercado do mundo, os Estados Unidos. A demanda dos consumidores por esse tipo de comida está iniciando uma espécie de revolução no mercado de grãos. Segundo dados do governo americano, a importação de milho orgânico dobrou em 2016, saindo de 300 mil toneladas para 600 mil. O preço do produto, por outro lado, caiu 30%. Já a compra de soja importada cresceu de pouco mais de 300 mil toneladas para quase 400 mil, sendo que o preço do grão ficou 20% menor. Esse movimento está relacionado com estratégias da indústria de proteínas. Empresas como Tyson Foods e Pilgrim's Pride, as maiores do setor no país, têm aumentado a oferta de carne proveniente de frangos e bovinos alimentados com ração orgânica. De acordo com o Departamento de Agricultura, a venda de comida orgânica certificada subiu 10% no ano passado, para US$ 12,3 bilhões. O mercado geral de comida cresceu apenas 0,7%. Os números, no entanto, não consideram a rede Whole Foods, maior varejista de comida natural dos EUA. Incluindo suas vendas, o setor fatura cerca de US$ 30 bilhões. Ainda é pouco para um mercado que movimenta mais de US$ 600 bilhões no país. Mas, segundo reportagem do jornal *Wall Street Journal*, alguns fazendeiros já estão reclamando que os grãos orgânicos importados sofrem menos regulação e estão exigindo medidas protecionistas.

Alimentos

CONCORRÊNCIA **ACIRRADA**

O aumento da demanda por alimentos orgânicos também está impactando os negócios da varejista Whole Foods nos Estados Unidos. Por muito tempo, a rede de supermercados, especializada em produtos naturais, reinou sozinha nesse segmento. Com o crescimento da procura, outros varejistas entraram nesse nicho "natureba". O aumento da concorrência afetou os resultados do Whole Foods. Em fevereiro, a empresa anunciou o fechamento de nove lojas. Atualmente, possui 468 supermercados. No ano passado, a companhia anunciara que tinha planos de abrir mais 1,2 mil lojas, ao longo da década. Agora, o CEO John Mackey diz que vai esperar o melhor momento para voltar a investir. "As redes tradicionais renovaram suas estratégias", disse Mackey, em conferência com analistas. "O mundo está muito diferente, hoje, do que há cinco anos." No seu último trimestre fiscal, encerrado em janeiro passado, a empresa faturou US$ 4,9 bilhões. A expectativa é de uma queda de 2,5% na receita este ano.

Mobilidade

BARCELONA **SEM CARRO**

O projeto das superquadras de Barcelona, que restringe a circulação de carros em determinadas áreas da cidade, será ampliado. Estão previstas a criação de cinco novas superquadras, ou superilles, em espanhol, até 2018. Iniciado em setembro do ano passado, em uma área de nove quadras no bairro de PobleNou, o programa inclui, além do bloqueio de veículos, a instalação de parques, quadras esportivas e até palcos para atividades culturais nas áreas delimitadas. Nessa nova fase, ele deve consumir investimentos de € 10 milhões.

Empresas do Bem

Empreendedorismo

APOIO À **INOVAÇÃO**

O Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD) e o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae) estão convocando empreendedores a apresentarem projetos de negócios sociais. As inscrições vão até o dia 3 de abril e podem ser feitas pelo site do PNUD. O objetivo é identificar empresas de pequeno porte e produtores rurais que estejam desenvolvendo projetos de impacto social e de inclusão para pessoas de baixa renda. Os selecionados serão encaminhados aos programas de apoio a negócios sociais do Governo Federal e a bancos, investidores e incubadores parceiros.

Bebidas

COCA-COLA **SEM AÇÚCAR**

James Quincey, executivo da Coca-Cola que vai assumir a presidência mundial da companhia em maio, disse que a fabricante de bebidas precisa se tornar maior do que a marca, uma das mais conhecidas do mundo. Para isso, seus planos são de reduzir a "pegada de açúcar" dos produtos. A Coca-Cola Company vem registrando queda no faturamento por quatro anos seguidos. Apesar de investimentos na área de sucos, os refrigerantes, em especial a Coca, ainda representam 70% dos negócios. O consumo de bebidas muito açucaradas, no entanto, está em franco declínio, especialmente por problemas relacionados à obesidade. Por causa disso, Quincey acredita que a Coca-Cola deve investir em inovação e tecnologia, para oferecer produtos mais adequados aos novos hábitos de consumo.

Oceanos

FALTA DE **AR**

Um estudo publicado na revista científica Nature traz um dado alarmante: o nível de oxigênio dissolvido nos oceanos caiu 2%, nos últimos 50 anos. A pesquisa, que foi liderada por cientistas do Helmholtz Centre for Ocean Research, da Alemanha, afirma que aos menos 15% dessa perda podem ser atribuídos à temperatura mais alta das águas marítimas, resultado do aquecimento global. A queda nos níveis de oxigênio afeta a vida marinha de maneira semelhante aos efeitos da poluição nos seres humanos. Os oceanos Ártico e Pacífico são os que apresentam maior variação do elemento em suas águas.

"Quanto mais caírem os juros, mais investimentos virão"

Carlos Eduardo VALIM

Poucas empresas de turismo apostaram tanto no Brasil, nos últimos anos, de olho na infraestrutura necessária para abrigar a Copa do Mundo e a Olimpíada, quanto o grupo francês AccorHotels, anteriormente conhecido como Accor. Ele é dono das bandeiras Sofitel, Pullman, Mercure, Novotel e Ibis. Apenas no Rio de Janeiro, que recebeu milhares de turistas e atletas olímpicos no ano passado, a empresa abriu 25 hotéis em quatro anos, elevando para 33 seus endereços na Cidade Maravilhosa. Passada a euforia que terminou numa grande crise econômica, é momento de o Brasil buscar uma demanda mais consistente. Os gastos com turismo no mundo devem superar US$ 5 trilhões, em 2017, um crescimento de 4% em relação ao ano passado. Para aproveitar uma parte mais significativa dessa oportunidade de receber recursos, o País precisa trabalhar para que os seus aspectos mais atraentes sejam bem percebidos no exterior, e que não sejam ofuscados por problemas de segurança, defende Patrick Mendes, que assumiu o cargo de CEO para a América do Sul no ano passado. "A Olimpíada foi bem melhor do que o previsto, com um efeito de imagem muito positivo. Mas, logo depois, veio uma queda bastante importante, que nós todos temos de combater", diz. A Accor tem meta de administrar 500 endereços na América do Sul até 2020. Na quinta-feira 2, ela anunciou a compra, por R$ 200 milhões, da carteira de 26 hotéis da Brazil Hospitality Group (BHG). Com isso, a Accor passa a contar com 278 empreendimentos no Brasil.

FOTO: DIVULGAÇÃO

Como vai o mercado brasileiro de hotelaria? Já se percebe alguma recuperação no interesse do brasileiro em gastar com turismo?

PATRICK MENDES – *A queda do mercado parou, o que já é bom. Desde novembro do ano passado, sentimos que deixamos o fundo do poço. E, em certas cidades, já existe uma retomada, ainda frágil, mas que já começou, principalmente em São Paulo, que é o mercado mais dinâmico do País. Na cidade, há um aumento da atividade com eventos, no segmento corporativo, desde o início do ano.*

DINHEIRO – No segmento de lazer, a recuperação pode levar mais tempo?

MENDES – *O ano passado não foi de todo ruim, em razão do impacto da subida do dólar em relação ao real, o que fez com que mais latino-americanos aproveitassem para utilizar os nossos hotéis no País para lazer. Por isso, vimos mais brasileiros, argentinos e latinos, em geral, viajando mais. Os brasileiros tiveram mais dificuldade em passar férias em Miami, Nova York e Paris. E os latino-americanos evitaram a Europa devido ao euro caro. Mas uma melhora do mercado, de fato, só sentimos em janeiro.*

DINHEIRO – Para este ano, qual é a expectativa?

MENDES – *Com o dólar valendo cerca de R$ 3, fica uma relação mais razoável. Acho que o câmbio terá impacto neutro neste ano. A única dúvida que ainda paira é em relação ao Rio de Janeiro, o nosso segundo maior mercado na América Latina, que permanece em baixa. Temos 45 hotéis em São Paulo e 33 no Rio de Janeiro. Então, quando o Rio está em dificuldade, sofremos um impacto importante. Olhamos com muita cautela a demanda na cidade e quais são as próximas ações de estímulo ao turismo.*

DINHEIRO – Que tipo de ações podem ser feitas com a cidade sendo impactada pelas dificuldades financeiras do governo estadual?

MENDES – *Ações de turismo e de promoções da cidade, principalmente. Não vai ser só a Accor que vai conseguir incentivar o turismo. Vamos precisar nos juntar, representantes das iniciativas privada e pública, para ajudar a melhorar a situação do Rio. Sobretudo, precisamos promover a cidade depois da Olimpíada. O evento foi bem melhor do que o previsto, com um efeito de imagem muito positivo. Mas, logo depois, veio uma queda bastante importante, que nós todos temos de combater. Precisamos retomar a comunicação ativa em todos os mercados importantes para expor a cidade ao mundo.*

DINHEIRO – Houve um investimento importante no Rio por parte das empresas de hotelaria. Como garantir que ele traga retorno?

MENDES – *Em quatro anos, passamos de oito para 33 hotéis na cidade. Abrimos 25 estabelecimentos, no período. Eram necessários mais hotéis, de mais qualidade. Agora, temos uma oferta hoteleira muito boa, uma infraestrutura incrível e o investimento em transporte público foi muito bem feito. Então, tem tudo para dar certo. Agora, falta comunicação, uma boa promoção, e garantir que a segurança esteja bem implementada.*

> "Vamos precisar nos juntar, representantes das iniciativas privada e pública, para ajudar a melhorar a situação do Rio"

Exército patrulhando a Praia de Copacabana, durante greve da polícia

DINHEIRO – O País ainda permite um grande potencial de crescimento, mesmo depois dos investimentos para a Copa e Olimpíada?

MENDES – *Sim. Na Europa, há 13 quartos para cada 10 mil habitantes. Nos EUA, são 18. No Brasil, a média é de 2,1 quartos. A oferta é baixa, e ainda existe uma grande capacidade para atrairmos mais turismo ao País, que recebeu só 5,1 milhões de pessoas, em 2016, contra 75 milhões na França.*

DINHEIRO – A diminuição dos juros vai ajudar os negócios no setor?

MENDES – *Ajuda em vários aspectos. Quanto mais caírem os juros, mais investimentos virão. Quando os juros estão na casa dos 14%, como era o caso até o ano passado, fica difícil justificar os investimentos. A escolha é rápida quando o investidor precisa decidir entre deixar o dinheiro no banco ou buscar um retorno no setor de hotéis, que fica na casa dos 13% ou 14%. Os ganhos são praticamente os mesmos, mas, deixando o dinheiro parado, os riscos são quase zero e, quando se faz um negócio, há sempre a chance de dar errado. O fato de os juros estarem baixando para menos de 10%, com a possibilidade de chegar a 8% em 2018, vai ajudar. Uma taxa baixa da Selic é um elemento fundamental, assim como a previsão de recuperação do PIB neste ano, para a retomada das atividades. Vários investidores vão recolocar dinheiro em todos os setores, o que traz mais negócios à hotelaria, com eventos e gastos em restaurantes.*

DINHEIRO – Além da hospedagem para negócios, a Accor tem uma estratégia de crescer em lazer no Brasil?

MENDES – *É uma estratégia global, não só brasileira. Para nós, que queremos ser um dos três maiores operadores de turismo e viagem do mundo (os dois maiores são os americanos Marriott e Hilton, e a terceira posição é disputada entre a Accor e a também americana Wyndham), é fundamental estarmos fortes em todas as verticais. Precisamos ter uma boa oferta para os mercados business, lifestyle e de lazer e resorts. Nas áreas de lifestyle e de luxo, começamos um movimento, um ano e meio atrás, comprando várias empresas. A maior foi a aquisição da Fairmont Raffles, dona de resorts em Cancún, Dubai e em Cingapura. Então, queremos nos expandir em resorts no Brasil e na América do Sul. Estamos avaliando opções de construção, conversões e parcerias, para aumentar a nossa oferta em lazer na região.*

DINHEIRO – Mas, em lazer, vocês não enfrentam concorrência mais forte da "economia de compartilhamento", como do site Airbnb?

MENDES – *Não sei se é um concorrente. O Airbnb trouxe um novo segmento, um novo mercado, para o turismo. Há muitas pessoas que viajavam para visitar familiares e dormiam na casa da prima. Agora, essas pessoas alugam um apartamento. É barato e o turista pode escolher um local próximo da casa da prima. Criou-se um novo segmento. Nós fizemos vários estudos para entender qual é a zona de concorrência com esse tipo de estadia, e percebemos que é pequena. Existe uma competição que pode canibalizar um pouco o segmento hoteleiro, mas menos do que pensávamos. Por isso, queremos comunicar as diferenças o máximo possível.*

DINHEIRO – Como lidar com essa tendência?

MENDES – *Não é a mesma coisa uma estadia num hotel ou resort, ou ficar num apartamento do Airbnb. No hotel, você tem serviços de check-in, check-out, roupa trocada, oferta de alimentação e de bebidas. São vários elementos que tornam a experiência bem diferente. O Airbnb criou um novo segmento, e nos obrigou a ser mais inovadores e mais criativos na nossa oferta, para que as pessoas possam perceber a diferença e saibam as vantagens de optar por uma estadia tradicional. Por isso, investimos em design, lifestyle, alimentos e bebidas, para oferecermos mais benefícios do que era comum antes. A diferença precisa ser enorme entre um Airbnb a R$ 200 e um quarto de hotel a R$ 400.*

DINHEIRO – Então, o impacto maior da internet vem das agências online?

MENDES – *Sim, o impacto é muito maior com a intermediação por meio de sites como o Booking, Decolar, Expedia e Hoteis.com. Todos esses operadores se colocaram no meio entre o hotel e o consumidor. Isso nos obrigou a investir em desenvolvimento e aquisições na área digital. Dedicamos, nos últimos três anos, quase US$ 250 milhões a plataformas digitais, no desenvolvimento de aplicativos e clube de fidelidade, em que oferecemos aos clientes a totalidade dos nossos inventários de hotéis, com descontos.*

"Quando os juros estavam na casa dos 14%, como no ano passado, ficava difícil justificar os investimentos"

O presidente do BC, Ilan Goldfajn (da esq. à dir.), o presidente, Michel Temer, e o ministro da Fazenda, Henrique Meirelles

DINHEIRO – E como vê o mercado de estadia de luxo no Brasil?

MENDES – *Ele ainda está engatinhando. Dá para explorar muita coisa em cidades com mais de 1 milhão de habitantes ou até um pouco menores, que deveriam ter melhor oferta. Aqui no Brasil, mesmo as maiores cidades possuem poucas opções de hospedagem de luxo. Em Buenos Aires, por exemplo, existem diversos hotéis de altíssimo padrão. Em São Paulo, e mesmo no Rio de Janeiro, a oferta ainda é muito limitada.*

DINHEIRO – O mercado de aluguéis de prédios corporativos sofreu bastante no Brasil, nos últimos tempos. Isso pode ser uma oportunidade para vocês, de converterem espaços de escritórios vazios em hotéis?

MENDES – *Queremos sair do clássico, que é o hotel construído a partir do zero. Hoje, existe um novo mercado ligado ao luxo e a lifestyle que permite muito mais flexibilidade nos conceitos hoteleiros. Você pode projetar hotéis menores, quartos com tamanhos diferentes ou espaços em que os restaurantes são até mais importantes do que o hotel. Essa tendência mundial nos permite procurar por outro tipo de ativo. Por exemplo, galpões, ou um escritório vazio, em regiões como a Avenida Faria Lima, em São Paulo, que não conseguem ser alugados porque o mercado está completamente saturado. Então, estamos analisando conversões de edifícios existentes em hotéis de algumas das nossas marcas mais conhecidas e descoladas, que permitem mais flexibilidade no conceito.*

O segundo movimento foi adicionar hotéis independentes em nosso sistema. Vamos numa cidade em que não temos oferta suficiente e verificamos a qualidade das opções que possam fazer parte da plataforma. Os hotéis precisam ter, pelo menos, quatro estrelas no TripAdvisor e se complementarem à nossa oferta. Assim, aproveitamos oportunidades que vão além da nossa rede. A diferença para as grandes plataformas online é que não quereremos 1 milhão de hotéis cadastrados. Apenas 10 mil é o suficiente.

FOTO: EVARISTO SA / AFP

EDITOR E DIRETOR RESPONSÁVEL
DOMINGO ALZUGARAY

EDITORA
CÁTIA ALZUGARAY

PRESIDENTE EXECUTIVO
CACO ALZUGARAY

ISTOÉ Dinheiro

DIRETOR EDITORIAL
CARLOS JOSÉ MARQUES

DIRETOR DE NÚCLEO
MILTON GAMEZ

TEXTO
Redator-Chefe: Carlos Sambrana
Editores: Cláudio Gradilone, Hugo Cilo, Luis Artur Nogueira, Márcio Kroehn e Ralphe Manzoni Jr.
Editores-Assistentes: Gabriel Baldocchi, Flávia Galembeck e Rodrigo Caetano
Reportagem: Carlos Eduardo Valim, Ivan Ryngelblum, Moacir Drska, Paula Bezerra e Roger Marzochi

ARTE
Diretor de Núcleo: Paulo Roberto Aloe
Chefe de Arte: Cinthia Behr
Diagramadores: Iara Spina, Jefferson Barbato e Christiane Pinho
Ilustração: Evandro Rodrigues (chefe) e Ricardo Alonso
CTI: Daniel Costa (chefe)
Projeto Gráfico: Ricardo van Steen (colaborou Bruno Pugens)

ISTOÉ DINHEIRO ONLINE
Editores: Carlos Dias e Geovana Pagel Reportagem: André Jankavski
Webdesign: Marianne Braack

FOTOGRAFIA
Pesquisa: Bruno de Los Santos Fortuna Arquivo: Eduardo A. Conceição Cruz

APOIO ADMINISTRATIVO
Gerente: Maria Amélia Scarcello. Secretária: Terezinha Scarparo
Assistente: Cláudio Monteiro. Auxiliar: Lucio Fasan
Secretária em Brasília: Suely Melo

MERCADO LEITOR E LOGÍSTICA
Diretor: Edgardo A. Zabala
Diretor de Vendas Pessoais: Wanderlei Quirino
Gerente OnLine e Projetos Especiais: Solange Chiarioni
Gerente de Venda Avulsa e Logística: Luciano Sinhorini
Gerente Geral de Planejamento: Reginaldo Marques

Central de Atendimento ao Assinante: (11) 3618-4566 de 2ª a 6ª feira das 9h às 20h30.
Outras Capitais: 4002-7334
Outras Localidades: 0800-888-2111 (exceto ligações de celulares)
Assine: www.assine3.com.br
Exemplar avulso: www.shopping3.com.br

MARKETING – Diretor: Rui Miguel Assistente de Marketing: Andréia Silva

PUBLICIDADE – Diretor Nacional: Maurício Arbex
Diretoras de Publicidade: Ana Diniz, Tida Cunha. Secretária de Diretoria: Regina Oliveira. Executivos de publicidade: Andréa Pezzuto, Elisângela Simões, Luciano Tomaz e Tânia Macena. Executivos de Negócios: Batista Foloni Neto, Eduardo Nogueira, João Fernandes, Luiz Sérgio Siqueira, Reglane Valente. Assistentes: Valéria Esbano
Executiva de Negócios Mídias Digitais: Carla Dubinskas Coordenador: Gilberto di Santo Filho. MARKETING PUBLICITÁRIO E EVENTOS – Gerente: Maria Bernadete Machado
Assistentes de Marketing Publicitário e Eventos: Marilia Gambaro e Marilia Trindade.
Criação – Redator: Bruno Modolo, Arte: Pedro Roberto de Oliveira. RIO DE JANEIRO-RJ: Gerente-Executiva: Felipe Drummond. Coordenadora de Publicidade: Dilse Dumar. Tel.: 21 2107 6667 · Fax: 21 2107 6669 – BRASÍLIA-DF: Gerente: Marcelo Strufaldi. Tel.: 61 3223 1205/ 3223 1207 · Fax: 61 3223 7732 – ARACAJU-SE: Pedro Amarante · Gabinete de Mídia · Tel.: 79 3246 4139 / 9978 8962 – BELÉM-PA: Glícia Diocesano · Dandara Representações · Tel.: 91 3242 3367 / 8125 2751 – BELO HORIZONTE-MG: Célia Maria de Oliveira · 1ª Página Publicidade Ltda. Tel./fax: 31 3291 6751 / 9983 1783 – CAMPINAS-SP: Wagner Medeiros · Parlare Comunicação Integrada · Tel.: 19 8238 8808 / 3579 8808 – CURITIBA-PR: Maria Marta Graco · M2C Representações · Tel./fax: 41 3223 0060 / 9962 9554 – FLORIANÓPOLIS-SC: Anuar Pedro Júnior e Paulo Velloso · Comtato Negócios · Tel.: 48 9986 7640 / 9989 3346 – FORTALEZA-CE: Leonardo Holanda · Nordeste MKT Empresarial · Tel.: 85 9724 4912/ 8832 2367 / 3038 2038 – GOIÂNIA-GO: Paula Centini · Centini Comunicação · Tel./fax: 62 9221 5575 / 3624 5570 – PORTO ALEGRE-RS: Roberto Gianoni e Thiago Soll · RR Gianoni Comércio & Representações Ltda. · Tel./fax: 51 3388 7712 RECIFE-PE: André Nicéas e Eduardo Nicéas · Nova Representações Ltda. · Tel./fax: 81 3227 3433 / 9164 1043 / 9164 8231 – RIBEIRÃO PRETO-SP: Andréa Gebin · Parlare Comunicação Integrada · Tel.: 16 3236 0016 / 8144 1155 – VILA VELHA-ES: Didimo Effgen · Dicape Representações e Serviços Ltda. · Tel./fax: 27 3229 1986 / 8846 4493 – INTERNACIONAL: Gilmar de Souza Faria · GSF Representações de Veículos de Comunicações Ltda. · Tel.: 55 11 99163 3062

Dinheiro (ISSN 1414-7645) é uma publicação semanal da Três Editorial Ltda. Redação e administração: Rua William Speers, nº 1.088, São Paulo-SP, CEP: 05067-900. Tel.: 11 3618 4200 · Fax da redação: 11 3618 4109.
Sucursais: Rio de Janeiro: Av. Almirante Barroso nº 63, sala 1510, tel.: 21 2107 6650 e fax 21 2107-6669, Brasília: SCS, Quadra 2, Bl. D, Ed. Oscar Niemeyer, sala 201 a 203, tel.: 61 3321 1212 e fax 61 3225 4062.
Dinheiro não se responsabiliza por conceitos emitidos nos artigos assinados.
Comercialização e Distribuição: Três Comércio de Publicações Ltda.
Rua William Speers, 1212 – São Paulo-SP.
Distribuição exclusiva em bancas para todo o Brasil: FC Comercial e Distribuidora S.A., Rua Dr. Kenkiti Shimomoto, 1678, sala A – Osasco-SP. Tel.: 11 3789 3000
Impressão: OCEANO INDÚSTRIA GRÁFICA LTDA. Rodovia Anhanguera, Km 33, Rua Osasco, nº 644 – Parque Empresarial – CEP 07750-000 – Cajamar – SP.

ANER

CARTAS, E-MAILS E MENSAGENS

Os lucrativos passos de Louboutin

Christian Louboutin é um daqueles seres humanos iluminados que faz o que ama e por isso tem sucesso. Criativo e ousado em sua essência, agora, colhe os frutos de anos de trabalho e dedicação.

Guilhermina Fernandes
Comentário via Facebook

Os robôs devem pagar impostos?

Nos Estados Unidos, onde o principal imposto é sobre a renda, faz sentido que os robôs paguem impostos, na medida que substituem a renda do trabalhador. Creio que isso pode levar a uma mudança no sistema tributário americano, que poderá arrecadar mais através de imposto sobre as vendas (como aqui no Brasil).

Waltirio Nogueira
Comentário via Facebook

Se um sistema tecnológico emprega máquinas, o dinheiro economizado com esses robôs poderá ser usado para pagar aposentadorias dos idosos, que já não estão mais em atividade e também para cobrir o custo da manutenção das máquinas.

Esequiel Groow
Comentário via Facebook

Bloco das reformas

Inflação jamais deve ser combatida com aumento de juros. O governo não está endividado porque gasta muito, está endividado devido ao tripé econômico da era FHC (que nem foi ele que inventou). São os malditos juros compostos destruindo o Estado e os urubus do mercado privado fazendo a festa com seus discursos neoliberais.

Rafael Lemos
Comentário via Facebook

Dedini começa de novo

Eles sempre se recuperam. A Dedini já foi a maior fábrica de destilarias do mundo.

Orlando Orsini
Comentário via Facebook

A jogada dos gringos no Brasil

É simples. Vão importar, montar e revender. E isso não é bom para economia porque vai empurrar a cotação do dólar para baixo. Além disso, a remessa de lucro para fora vai aumentar.

Rafael Lemos
Comentário via Facebook

Os estrangeiros só vêm para o Brasil se for para pegar nossas estatais ou para trazer as empresas deles e vender aqui as bugigangas produzidas em seus países. Produzir aqui que é bom, nem pensar.

Catarina T. da Silveira
Comentário via Facebook

Trabalho com fusões e aquisições. Estamos com uma grande placa de "liquidação".

Ricardo Donadelli
Comentário via Facebook

Por que a Saraiva precisa da Cultura

Saraiva comprando a Cultura. O problema é que ambas ainda pensam offline e até sites que não são de livrarias conseguem vender mais livros do que elas.

Marcos Rodrigues
Comentário via Facebook

Fale conosco

Cartas para esta seção, com endereço, RG e telefone, devem ser remetidas para: Diretor de Redação, DINHEIRO, Rua William Speers, 1.088, Lapa, São Paulo - SP, CEP 05067-900. Fax: (011) 3618-4109. Internet: Acesse o portal www.istoedinheiro.com.br, escreva mensagens nas páginas da revista nas redes sociais ou mande e-mail para faleconosco@istoedinheiro.com.br. As cartas e mensagens poderão ser editadas em razão de seu tamanho ou incompreensão.

ELA AINDA ESTÁ ENTRE NÓS

IVAN RYNGELBLUM

Quatro anos após Dilma Rousseff reduzir o custo de ener

R$ 62,2 BILHÕES
É o custo total da indenização às transmissoras provocado pela MP de 2012

gia na marra, passivos ainda pesam no bolso dos consumidores

Na maior parte de sua vida pública, a ex-presidente Dilma Rousseff acumulou experiências no setor elétrico. Depois de cinco anos como secretária de Minas e Energia no Rio Grande do Sul, ela foi alçada ao ministério do setor pelo presidente Lula, em 2003, onde redesenhou o modelo do sistema nacional de energia. Sua exposição na pasta garantiu passagem para a Casa Civil e pavimentou o caminho para sua eleição como presidente em 2010. No Palácio do Planalto, Dilma lançou, em 2012, sua maior ação voltada ao setor: a redução de 20%, na média, das contas de luz. Preparada com a orientação do marqueteiro João Santana, a proposta seria o grande legado de Dilma, de olho na reeleição, em 2014. A petista venceu a disputa eleitoral, mas a medida tornou-se um entulho normativo, que demandou uma série de remendos e cujos efeitos são sentidos até hoje no bolso dos consumidores residenciais, comerciais e industriais.

No capítulo mais recente das tentativas de ajustar a desordem provocada pela decisão de 2012, a diretoria da Agência Nacional de Energia Elétrica (Aneel) definiu que nove transmissoras serão indenizadas em R$ 54,4 bilhões ao longo dos próximos oito anos – valor que pode subir a R$ 62,2 bilhões após correções. A fatura será repassada aos brasileiros. O pagamento entrará em vigor a partir de julho e deve aumentar a conta de luz em 7,17%, em média. O valor que chegará ao consumidor depende de uma série de fatores, como o custo de geração de energia e outros subsídios, sendo definido por cada distribuidora. Pelas projeções da Aneel, o aumento da tarifa nos Estados deve variar entre 1,13% e 11,45%. Na reunião que definiu o reajuste, o diretor-geral da Agência, Romeu Donizete Rufino, disse que a indenização é uma decisão do governo e que a Aneel apenas "disciplina" o que foi acertado.

Anunciada em rede nacional de rádio e televisão pela presidente Dilma Rousseff, a Medida Provisória 579 teve o apoio de grandes empresários e entidades setoriais, como a Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp), e tornou-se lei no início de 2013. O texto propunha adiantar a renovação das concessões para geradoras, transmissoras e distribuidoras de energia que venceriam, na maior parte, em 2015. Em contrapartida, as empresas tiveram de aceitar redução de tarifas, de 20%, em média. O governo se comprometeu a arcar com as indenizações por investimentos em estruturas e equipamentos feitos entre junho de 2000 e o final de 2012 das empresas que aderissem à proposta. **O problema é que investimentos das transmissoras realizados antes desse período não tinham sido totalmente amortizados e não puderam ser quitados via tarifa.** A lei estabelecia que esse grupo passaria a receber as indenizações a partir de 2013, mas com as restrições orçamentárias do governo federal, o pagamento não saiu.

INSUSTENTÁVEL: Medida criada pela ex-presidente Dilma Rousseff para reduzir as contas de luz teve que passar por um novo remendo, anunciado pelo diretor-geral da Aneel, Romeu Donizete Rufino

O passivo deixou as companhias numa situação delicada e se traduziu em maior insegurança jurídica ao setor. "A falta de pagamento influenciou diretamente nos leilões", afirma Mario Miranda, presidente da Associação Brasileira das Empresas de Transmissão de Energia Elétrica (Abrate). "As empresas que participaram passaram a exigir uma taxa de retorno maior."

Uma portaria de abril de 2016 do Ministério de Minas e Energia definiu que as indenizações às transmissoras começariam a ser pagas a partir deste ano, até 2025, e que essa conta seria repassada aos consumidores, mas a Aneel só bateu o martelo sobre o tema poucos dias antes do Carnaval. O atraso acumulado desde 2013 gerou uma correção dos valores e acrescentou ao menos R$ 35,2 bilhões aos R$ 20 bilhões que as empresas deveriam receber originalmente. Ainda que não ideal, a decisão é vista como justa pelas transmissoras. "O número a que a Aneel chegou é menor do que as empresas calculavam", afirma Claudio Sales, presidente do Instituto Acende Brasil. "Elas estão perdendo, mas considerando tudo o que aconteceu, receber já é alguma coisa."

Para o presidente executivo da Associação Brasileira de Grandes Consumidores Industriais de Energia e de Consumidores Livres (Abrace), Edvaldo Santana, **a indenização prejudicará a competitividade da indústria em um momento bastante duro da economia. "Para alguns segmentos, esse aumento chegará a até 40%", afirma Santana.** "Não é possível expandir e criar empregos diante de tais condições." O grupo, assim como outras associações, avalia entrar na Justiça contra o reajuste, sob a alegação de que a conta da indenização às transmissoras não pertence ao consumidor, mas ao governo. "O argumento básico é o da ilegalidade, pois a indenização autorizada não é o que está previsto em contrato", diz Santana, que foi diretor da Aneel durante o mandato de Dilma.

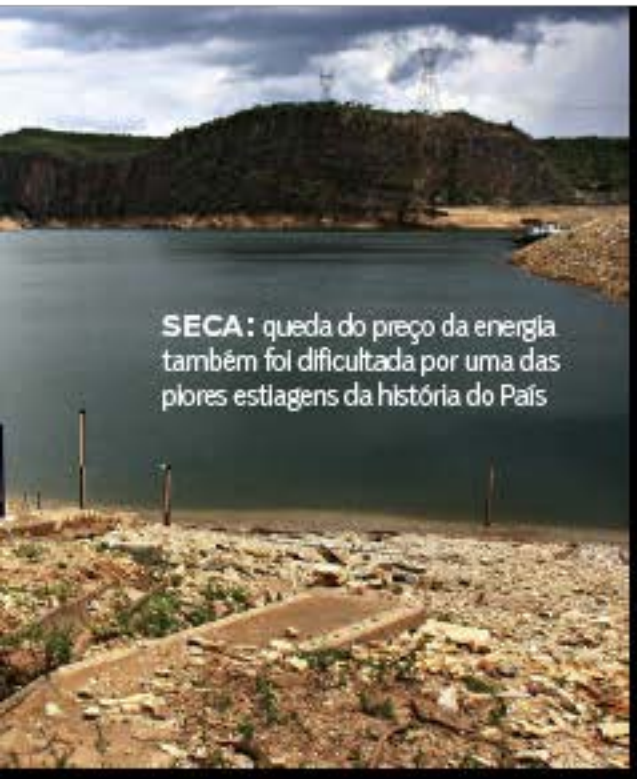
CONTA SALGADA A fatura de indenização às transmissoras é apenas mais um dos efeitos colaterais do voluntarismo da ex-presidente sobre os bolsos dos consumidores. A ideia original da MP 579 era aproveitar a proximidade do fim das concessões para atacar uma queixa da indústria sobre o alto custo da energia, em especial num momento de desaceleração do setor. A medida estava baseada em três itens: desoneração de encargos sociais, antecipação da prorrogação das concessões e um subsídio extra de R$ 3,3 bilhões do governo à Conta de Desenvolvimento Energético (CDE), fundo cujo objetivo é universalizar o acesso à luz.

O problema é que o plano foi malfeito, provocando uma série de questionamentos sobre as regras de indenização e ruídos de comunicação do governo com as partes envolvidas. Nem todas as geradoras aderiram à iniciativa, por não aceitar rever os contratos de venda de energia para as distribuidoras a um valor menor. "Para que o preço da energia fosse baixado, tinha que ter a adesão de todos", diz Fabio Cuberos, gerente de regulação da consultoria Safira Energia. Quando os contratos antigos começaram a chegar ao fim, as distribuidoras passaram a receber menos energia das geradoras que não aderiram ao plano. A diferença teve de ser comprada no mercado à vista, a um valor mais caro. Somado a isso, a falta de chuvas em 2013 demandou o acionamento das termelétricas e pressionou ainda mais o custo da energia. Para garantir que a tarifa não subisse aos consumidores, o governo injetou R$ 20 bilhões entre repasses às distribuidoras e indenizações às empresas que aderiram ao plano. Com um custo pesado ao Tesouro, o preço da energia, medido pelo IPCA, fechou 2013 com uma queda de 16%.

A situação do setor elétrico ficou ainda mais preocupante em 2014, ano de eleição.

Fonte: IBGE

FOTOS: REUTERS/UESLEI MARCELINO | LUCIO BERNARDO JUNIOR/CÂMARA LEGISLATIVA | MÁRCIA RIBEIRO/FOLHAPRESS | NILTON FUKUDA/ESTADÃO E ROBERTO CASTRO



SECA: queda do preço da energia também foi dificultada por uma das piores estiagens da história do País

"Para alguns segmentos, o aumento chegará a 40%, tornando difícil criar empregos"

Edvaldo Santana, presidente-executivo da Abrace

"O número que a Aneel chegou é menor do que as empresas calculavam, mas é alguma coisa"

Claudio Sales, presidente do Instituto Acende Brasil

O regime de chuvas não tinha melhorado e o consumo disparou no começo do ano devido ao forte calor. As distribuidoras, que estavam comprando energia mais cara das geradoras, precisaram adquirir mais R$ 1,8 bilhão em eletricidade para atender a demanda. Para piorar, o governo atrasou o repasse da ajuda prometida, prejudicando ainda mais as empresas. A liberação aconteceu apenas em março, e foi de R$ 1,2 bilhão. Já em fevereiro, as distribuidoras compraram mais R$ 3,5 bilhões em energia, e a situação dos reservatórios das hidrelétricas continuou preocupante. As distribuidoras tiveram mais problemas de caixa devido a diferenças em compras de energia realizadas no ano anterior. O governo tentou solucionar novamente através do repasse de R$ 4 bilhões vindos do Tesouro e contratação de dois empréstimos no mercado, um de R$ 11,2 bilhões em abril e outro de R$ 6,6 bilhões em agosto, além de novas rodadas de leilões de energia. **Apenas em 2014, a fatura extra do setor elétrico que recaiu sobre o governo federal somou R$ 54,8 bilhões, entre subsídios e indenizações. Mesmo assim, a energia fechou o ano com uma alta de 17%** *(leia quadro com o histórico das indenizações).*

Uma auditoria do Tribunal de Contas da União (TCU) de 2014 constatou a ineficácia da medida, afirmando que o custo para sustentar a redução superaria os benefícios. Na época, o TCU alertou que a sustentabilidade do setor estava em risco devido à dependência dos aportes do Tesouro e à necessidade das distribuidoras por empréstimos. Em 2015, logo após a reeleição de Dilma, a redução afundou de vez. O ajuste fiscal iniciado pelo então ministro da Fazenda, Joaquim Levy, congelou o repasse de R$ 9 bilhões em subsídios e autorizou o repasse integral para as contas. O resultado foi um avanço de 51% no preço da energia. A conta também trouxe impactos para a Eletrobras, cujas subsidiárias tiveram de aderir ao plano do governo. A estatal teve três anos seguidos de prejuízo e precisou contar mais tarde com um aporte do governo federal.

A situação começou a se normalizar em 2016, com a melhora dos reservatórios e o fim do tarifaço do ano anterior. Para os especialistas, a aventura de baixar as tarifas por decreto estava fadada a dar errado desde o começo, e a resolução dos problemas das transmissoras é apenas parte do problema. "Quando a MP veio, ela não foi boa para ninguém. A maioria que aceitou estava ligada à Eletrobras", diz Cuberos, da Safira Energia. "Quem estava no setor à época sabia que a conta não fechava." Ainda é cedo para prever se as consequências e as faturas de cobranças relacionadas à MP chegaram ao fim. No radar, há algumas indenizações às geradoras que ainda não foram pagas. "A situação só deve melhorar em 2024 ou 2025", diz João Carlos Mello, presidente da Thymos Energia. "A partir daí devemos ver alguma queda de tarifa."

O VAI-VÉM DA QUEDA NA CONTA DE LUZ

Tentativa de sustentar artificialmente a redução provocou uma série de remendos

Setembro de 2012: Dilma anuncia redução média de 20% na tarifa de energia

Novembro de 2012: Medida Provisória 579 autoriza renovação antecipada de concessões e indenização de ativos não depreciados

Janeiro de 2013: Enquanto a lei era sancionada, o País enfrentava uma das piores crises hídricas da história

Março de 2013: Sem a adesão de todas as geradoras, governo desembolsa R$ 5,1 bilhões para garantir a redução nos preços

Março de 2014: Para compensar a compra de energia mais cara, Tesouro repassa mais R$ 4 bilhões às distribuidoras

Abril de 2014: Com problemas de caixa, as distribuidoras recorrem a um empréstimo de R$ 11,2 bilhões com 13 bancos

Agosto de 2014: Distribuidoras buscam mais R$ 6,6 bilhões adicionais com bancos

Janeiro de 2015: Joaquim Levy corta subsídios de R$ 9 bilhões do Tesouro ao setor elétrico e autoriza os reajustes nas tarifas

Março de 2015: Distribuidoras tomam mais R$ 3,1 bilhões com os bancos

Junho de 2016: Eletrobras recebe R$ 3,5 bilhões do governo e inicia venda de subsidiárias

Fevereiro de 2017: Indenização de R$ 54,4 bilhões às transmissoras geram custo de 7%, na média, nas contas de luz

Os desafios de Parente

Considerado peça essencial para reduzir o endividamento da Petrobras, **o plano para levantar US$ 21 bilhões com a venda de ativos** enfrenta resistências e processos na Justiça

Gabriel BALDOCCHI

A expressão do "poço ao posto" costuma retratar o gigantismo das petroleiras que atuam de forma verticalizada, da exploração de reservas de petróleo até a venda de combustíveis na bomba. O título sempre foi motivo de orgulho para a Petrobras, mas nos últimos anos passou a ser acompanhado de um incômodo superlativo: o de empresa mais endividada do planeta. Afastar-se dessa posição de risco foi uma das primeiras missões traçadas por Pedro Parente assim que assumiu a presidência da estatal, em maio de 2016. Em poucos meses, iniciativas como a revisão da política de preços foram reconhecidas pelo mercado. As ações subiram quase 40% e a nota de crédito melhorou. Uma parte espinhosa do plano de reestruturação, porém, prevê a redução no tamanho do grupo. Para executá-la, Parente terá de enfrentar um dos seus maiores desafios: reverter as resistências e o nó jurídico criado em torno da venda de ativos.

Nos próximos dias, o Tribunal de Contas da União (TCU) deve levar a plenário um processo que avalia o programa de desinvestimentos da estatal, com previsão de levantar US$ 21 bilhões até 2018. Uma decisão cautelar do ministro José Mucio Monteiro suspendeu, em dezembro, a assinatura de novos contratos diante de indícios de "vícios no processo competitivo" das transações. O TCU questiona a prática da Petrobras de usar nos desinvestimentos o mesmo decreto que autoriza o procedimento licitatório simplificado para aquisição de bens e serviços. Os auditores apontam riscos como a possibilidade de escolha de potenciais compradores e de restrição do número de participantes de forma arbitrária. A decisão final terá efeitos para os ativos que ainda não estavam em fase final de negociações, já que o tribunal havia acatado o pedido da estatal para liberar cinco transações que estavam em estágio avançado, entre as quais a venda da petroquímica Suape.

Segundo a Petrobras, a liberação desse conjunto de projetos foi extremamente importante para o andamento do programa, considerado um dos pilares da recuperação financeira. Em nota, a petroleira diz ainda ter trabalha-

FOTO: YASUYOSHI CHIBA / AFP

do no aprimoramento da sistemática para os desinvestimentos e afirma aguardar a palavra final do TCU. Mesmo em caso de vitória na corte, haverá ainda uma batalha na Justiça. Ao menos sete processos questionam transações em curso e já realizadas pela Petrobras. A companhia obteve ganhos em dois deles: o que pedia a suspensão da transação da Liquigás ao grupo Ultra e o negócio da Petroquímica Suape para a mexicana Alpek. A cessão dos direitos de concessões de águas rasas em Sergipe e Ceará também foi autorizada, mas a assinatura dos contratos foi vinculada à decisão do TCU. Liminares obtidas em favor dos petroleiros mantêm suspensas as negociações da BR Distribuidora, da Nova Transportadora Sudeste (NTS), de dutos de gás, direitos de concessão de campos em Baúna e Tartaruga Verde, nas bacias de Santos e de Campos, respectivamente, além de campos terrestres.

O argumento na Justiça é semelhante ao apresentado ao TCU, de que o processo de venda deveria ser mais transparente e feito por meio de uma licitação. "As ações não dizem que não pode vender, mas sim que deve haver uma licitação", diz Raquel Sousa, advogada do Sindicato dos Petroleiros de Alagoas e da Federação Nacional dos Petroleiros (FNP). "Há viola-

FOCO NA REESTRUTURAÇÃO
mesmo se conseguir aprovação do plano de desinvestimento no TCU, o presidente da Petrobras, Pedro Parente, ainda terá desafio na esfera judicial

ção aos princípios de impessoalidade e de publicidade." A categoria recorre dos processos em que houve perdas e não descarta novas ações. O acordo de US$ 2,2 bilhões com a francesa Total, finalizado na quarta-feira 1, por exemplo, está sendo avaliado – para a estatal, o negócio é uma parceria estratégica e não um desinvestimento convencional.

Na avaliação dos especialistas, as decisões ameaçam as negociações em andamento e podem contaminar as transações em fase final de conclusão. Segundo Antonio Cecílio Moreira Pires, professor de direito da Universidade Presbiteriana Mackenzie, uma das alternativas da estatal para abreviar o rito das negociações sem descumprir a exigência do processo licitatório seria buscar uma lei autorizando a modalidade de leilão. Segundo Pires, o risco deveria ter sido identificado pelas interessadas desde o início. "As empresas estavam cientes do risco envolvido." Até dezembro, o programa de desinvestimentos e parceria havia totalizado US$ 13,6 bilhões, abaixo da meta de US$ 15,1 bilhões estabelecida para o biênio 2015/2016. A diferença é atribuída à liminar que impediu a conclusão das negociações de Tartaruga Verde e Baúna. A previsão agora é levantar US$ 21 bilhões até 2018, para que a companhia possa alcançar a meta de reduzir a alavancagem a menos da metade em relação ao pico de 2015.

ESTRATÉGIA As resistências em relação ao programa da Petrobras não se restringem ao campo jurídico. Um estudo elaborado por consultores legislativos da Câmara dos Deputados questiona os negócios com a BR Distribuidora e a NTS, por considerá-las rentáveis e estratégicas para a companhia. Nas contas do consultor Paulo César Ribeiro Lima, a meta de redução da alavancagem poderia ser alcançada em 2019 – um ano a mais do que no plano original – sem que fosse preciso vender as fatias nos dois negócios. "Para mim, isso é uma decisão política e não técnica", diz Lima. O trabalho alerta para o risco de monopólio privado com a venda da NTS e defende um debate mais amplo para alguns ativos, com aprovação pelo Conselho Nacional de Desestatização, por exemplo.

Para o mercado, o processo de vendas é irreversível diante do alto endividamento. "Hoje, há muitas empresas endividadas, mas a Petrobras foge totalmente do padrão", afirma Pedro Galdi, analista-chefe da Upside Investor. "Ela vai ter de encolher para voltar a crescer." O endividamento medido pela relação dívida líquida/Ebtida saltou de 1,0 ao final de 2010 para um pico de 5,3 em 2015. A meta é alcançar 2,5 até 2018. Além do programa de desinvestimentos, a estatal conta com reduções dos seus custos em 18% e em 25% no volume de investimentos até 2021. Soma-se a isso, a adoção de uma nova política de preços, mais compatível com a realidade de mercado, que vem ajudando a melhorar a percepção dos investidores sobre a situação financeira da companhia.

Desde a entrada de Parente, em maio de 2016, as ações da petroleira subiram 37,7%, ante valorização de 24,8% do Ibovespa. Em fevereiro, a agência de classificação Standard & Poor's citou uma melhora da liquidez como justificativa para elevar a nota de risco em um degrau, para BB-, ainda três níveis abaixo do grau de investimento, perdido no final de 2015. Como mostram os processos contra a venda de ativos, o caminho para a retomada do grau de investimentos será longo.

SALDÃO DE ATIVOS

O plano de desinvestimento (em US$ bilhões)

Total vendido até dezembro de 2016: **13,6**

Previsão 2017-2018: **21,0**

NEGÓCIOS QUESTIONADOS NA JUSTIÇA

1 Venda da Nova Transportadora do Sudeste (NTS) - **suspensa**

2 Cessão de campos terrestres em 5 Estados – **suspensa**

3 Venda dos campos de Tartaruga Verde e Baúnca – **suspensa**

4 Venda da participação na BR Distribuidora – **suspensa**

5 Participação da Petrobras na Petroquímica Suape e Citepe – **autorizada**

6 Direitos de concessão em águas rasas no Ceará e Sergipe – **parcialmente autorizada**

7 Venda da Liquigás para a Ultrapar – **autorizada**

Fontes: Petrobras, sindicatos TCU e Justiça

FOTO: DIVULGAÇÃO

MEGALE, SECRETÁRIO DA FAZENDA:
"Não há mais espaço para aumentarmos os impostos da cidade"

O BANQUEIRO DE DÓRIA

Ex-executivo do Itaú, **Caio Megale tem um orçamento de R$ 54,4 bilhões em mãos.** Seu desafio é tornar a máquina pública eficiente e aumentar a arrecadação da cidade sem ferir o bolso do contribuinte

Paula BEZERRA

A agenda do economista Caio Megale sempre foi muito atribulada. Entre 2011 e 2016 como economista do Itaú BBA, na equipe de Ilan Goldfajn, ele dividia sua rotina entre longas reuniões com clientes e o mergulho nos números do mercado financeiro e da economia brasileira. Mas, no feriado de Finados, em 2 de novembro, um breve tempo de descanso foi interrompido por uma mensagem da secretária da Fazenda do Estado de Goiás, Ana Carla Costa. Embora tivessem trabalhado juntos no Itaú, não se falavam com frequência. Ana Carla avisou Megale que, ao recusar o convite do prefeito João Doria Jr. (PSDB) para assumir a secretaria da Fazenda, ela tinha indicado o nome dele para chefiar a economia da cidade mais rica do País. "Entrar na gestão pública depois de anos no mercado financeiro é um choque, pois você se depara com a ineficiência do setor público", diz Ana Carla. "Mas a experiência no setor privado pode mudar a cultura do serviço público e mostrar que é possível fazer mais com menos."

Agora, Megale está do outro lado da mesa. Doria aceitou a sugestão de Ana Carla e desde 1º de janeiro ele trocou sua sala na avenida Faria Lima, sede do Itaú BBA, pelo último andar do Edifício Matarazzo, em frente ao Viaduto do Chá, no centro da capi-

MÃOS À OBRA: para aumentar a receita da cidade, a prefeitura montou um plano de privatização que conta com 52 itens. Entre eles, está o Parque Anhembi, onde fica o Sambódromo, varrido pelo prefeito João Doria Jr. durante a apresentação das escolas de samba no carnaval

tal. Sua análise crítica às políticas públicas foi a principal característica que convenceu o prefeito paulistano a escolhê-lo. "Além de um economista de primeira linha, ele tem experiência de executivo e um enorme conhecimento em finanças públicas", diz Luiz Fernando Figueiredo, sócio-fundador da Mauá Capital. "Trabalhei com ele durante sete anos e sei que o bom-senso dele o ajudará." Na equipe de Ilan no Itaú, o atual secretário da Fazenda ficava debruçado sobre a situação econômica e fiscal dos governos. Num desses relatórios, por exemplo, divulgado no primeiro trimestre de 2016, Megale afirmou que a recuperação das contas do País viria tanto de medidas como a PEC do teto dos gastos como da chamada "regeneração natural do tecido econômico", ou seja, que a produção se adaptaria ao novo ritmo do consumo. Esses fatores seriam fundamentais na busca pelo reequilíbrio das contas. "Entrar para a gestão pública é uma oportunidade de colocar em prática toda a teoria que aprendemos ao longo da carreira como economista", diz Megale.

Outro fator que coloca Megale alinhado às propostas de Doria é a criatividade. O novo secretário da Fazenda de São Paulo precisa aumentar a receita da cidade sem onerar mais o bolso do contribuinte. Ele terá três frentes para atacar. A primeira é a fiscalização do pagamento de impostos, como o IPTU e o Imposto Sobre Serviços (ISS). Para isso, propôs a reformulação da Nota Fiscal Paulistana, que passará a ser chamada de Nota do Milhão, anunciada na quinta-feira 2. Os prêmios, que antes eram periódicos, passarão a ser mensais, num sorteio de valor único de R$ 1 milhão. O objetivo é estimular a emissão de notas fiscais por prestadores de serviços e aumentar a arrecadação do ISS, que está em queda. Em 2016, a arrecadação desse tributo caiu 8%, segundo a Frente Nacional de Prefeitos, uma perda de R$ 896 milhões na receita da capital paulista. No biênio de 2015 e 2016, o recuo foi de 11,5%. Megale calcula que poderá incrementar em até R$ 200 milhões o orçamento com a Nota do Milhão. **"O desafio da gestão atual é manter a arrecadação em um nível como o de 2016, diante da atual recessão que enfrentamos"**, diz economista Amir Khair, secretário de Finanças da gestão de Luiza Erundina na prefeitura de São Paulo (1989-1992). Neste ano, o orçamento paulistano será de R$ 54,4 bilhões, 5,9% maior que o do ano passado. É um dos mais importantes da América Latina, comparado ao de países como Sérvia e Uruguai, além de ser maior que o de 21 estados brasileiros, além do Distrito Federal (*leia quadro abaixo*).

A segunda frente a ser trabalhada por Megale é a parceria com a Secretaria de Desestatização de São Paulo, para encontrar parcerias público-privado para o município. Esse Plano Municipal tem 52 itens e ainda não foi detalhado por completo pelo secretário Wilson Poit, que será o responsável pelas licitações. Estão na lista, por exemplo, o Parque Anhembi e o Autódromo de Interlagos. A Secretaria da Fazenda estima arrecadar entre R$ 7 bilhões e R$ 8 bilhões

UMA CIDADE PAÍS

São Paulo tem o sétimo maior orçamento do Brasil,...
(em R$ bilhões)

Governo Federal:	R$ 3.489,2
Estado de São Paulo:	R$ 206,4
Estado de Minas Gerais:	R$ 87,3
Estado do Rio Grande do Sul:	R$ 62,7
Estado do Rio de Janeiro:	R$ 56,7
Estado do Paraná:	R$ 56,1
Município de São Paulo:	R$ 54,7
Estado da Bahia:	R$ 44,4
Município do Rio de Janeiro:	R$ 31,5
Estado de Santa Catarina:	R$ 26,1

... que é equivalente ao de muitos países
(US$ bilhões)

País	2017*
Eslovênia	18,5
Uruguai	16,9
São Paulo	16,2
Sérvia	16,0
Bolívia	13,8

Fonte: Austin Rating, com dados do FMI

* projeção

FOTOS: ANDRE LESSA/ISTOÉ | PEDRO DIAS/ AG. ISTOÉ E SILVIA ZAMBONI/VALOR

com essas duas vendas. Outro item que poderá ser licitado é a gestão do sistema do Bilhete Único, o cartão usado para o pagamento de passagem de transporte público, que está sob responsabilidade da empresa de economia mista SPTrans. **Com a terceirização da gestão, a prefeitura deixaria de gastar R$ 456 milhões por ano. "Não há mais espaço para aumentarmos os impostos da cidade",** diz Megale. "Essa parceria com o Poit vai tirar pedras da mochila da prefeitura e, se bem administrada, vai virar uma boa fonte de receita para a segunda metade do governo."

ANA CARLA COSTA, DA FAZENDA DE GOIÁS: a experiência no setor privado pode mudar a cultura do serviço público e mostrar que se pode fazer mais com menos

A última frente – e talvez a mais importante – são as operações financeiras, como a renegociação de dívidas, a busca por crédito e as negociações com instituições multilaterais. As contas de São Paulo foram organizadas pela gestão de Fernando Haddad, que conseguiu renegociar com a União a dívida municipal, que em 2015 havia chegado a 190% das receitas líquidas. O saldo devedor da cidade caiu R$ 46 bilhões, de R$ 74 bilhões para R$ 28 bilhões. Pelo novo cálculo, o IGP-DI mais 9% de juros ao ano foi trocado por IPCA mais 4%. O então secretário Marcos de Barros Cruz, que também tinha experiência na iniciativa privada, conseguiu mudar o perfil da secretaria da Fazenda. Até a gestão de Mauro Ricardo Costa, no governo Gilberto Kassab, o objetivo era aumentar a arrecadação. Cruz conseguiu implementar uma gestão com planejamento e foco em resultados. Megale pretende seguir essa mesma linha. "Esse é um dos caminhos para que São Paulo consiga investir em mobilidade urbana, educação e saúde, sem impactar nas receitas", diz Alex Agostini, economista-chefe da Austin Rating.

Embora tenha recebido a Secretaria da Fazenda com as contas em ordem, Megale tem um enorme desafio pela frente: conseguir direcionar receita da prefeitura para os investimentos, uma das principais carências da cidade. Favorável a um teto para os gastos públicos, Megale afirma que terá de encontrar jogo de cintura para avaliar quais são as prioridades de repasse que contribuam para o desenvolvimento do município. "Seria muito fácil fechar o cofre e falar: 'pronto, vamos ficar assim para não contrair dívidas'", diz o economista. "Mas precisamos investir em educação, saúde e trabalhar para diminuir a desigualdade social." Em sua mesa, hoje, está o buraco causado pela proposta de passe livre aos estudantes que usam transporte público, um estouro de R$ 3 bilhões – acima do R$ 1,7 bilhão estipulado pela Câmara de Vereadores. Ele precisou, também, direcionar R$ 439 milhões das obras para a folha de pagamento dos servidores da rede pública, que receberam um aumento da última gestão que não havia sido colocado no orçamento.

Megale continua um workaholic na prefeitura. Não sai antes das 21 horas, quando o prédio está totalmente trancado. Com tanto trabalho à vista, o palmeirense roxo teve que deixar até mesmo o futebol que jogava religiosamente todas as segundas-feiras à noite, com seus colegas de escola. "Quando o mandato acabar, quero olhar para trás e conseguir dizer: 'deixei um legado positivo para a cidade de São Paulo e contribuí para seu desenvolvimento'", diz ele. A perspectiva é das melhores. Um estudo da Oxford Economics inseriu a capital paulista como a única cidade brasileira num ranking de cidades mundiais que devem apresentar maior crescimento no PIB até 2030, com um PIB de US$ 335 bilhões.

*Leia a entrevista exclusiva com Caio Megale no site da DINHEIRO: **istoedinheiro.com.br***

Coma

O presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, chocou o mundo, mais uma vez, ao anunciar um aumento de US$ 54 bilhões no superlativo gasto militar americano, que passará a ser de US$ 650 bilhões, um aumento de 10% após cinco anos de redução. Ele quer reequipar suas tropas com o que há de mais moderno, embora afirme que não esteja em busca de uma guerra. Mas sua decisão reforça a corrida armamentista que pode ter início, principalmente no Oriente. O presidente declarou que aquela região piorou muito e ele vai "endireitar isso". Não há dúvidas de que o aumento do investimento nas Forças Armadas é uma clara tentativa de fortalecer o posicionamento isolacionista dos EUA. A força bélica é uma demonstração de poder, como mostram as teorias da escola clássica de pensadores realistas, como italiano Nicolas Maquiavel (1469-1527) e o britânico Thomas Hobbes (1588-1679). "Ele quer fortalecer as Forças Armadas para desestimular qualquer ameaça à integridade americana", diz Rubens Barbosa, embaixador do Brasil em Washington durante o governo FHC. "Trump desenha uma nova perspectiva de política externa dos EUA. Como se quisesse ser líder só do próprio país."

A decisão de Trump altera toda a estrutura da política externa dos americanos, que há décadas lideram organizações multilaterais como a Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN), integram o Conselho de Segurança da Organização das Nações Unidas (ONU) e atuam na Organização Mundial do Comércio (OMC). Numa guinada, Trump passou a fazer duras críticas às instituições e se posicionou contra o ativismo

SENHOR DA GUERRA? REPUBLICANO ADOTA TOM ISOLACIONISTA E MUDA RUMO DA POLÍTICA EXTERNA AMERICANA

ndante TRUMP

O presidente dos EUA propõe **aumento de US$ 54 bilhões nos gastos militares** e quer a saída do país de organismos multilaterais de comércio

Paula BEZERRA

americano. Agora, ele quer focar em acordos bilaterais e despender menos ajuda para outros países. O diretor-geral da OMC, Roberto Azevêdo, afirmou à DINHEIRO que está de portas abertas para conversar com os EUA (*leia entrevista na pág. 13*). "O lema do American First e a indicação de aumento em gastos militares poderão fazer com que o governo prejudique a população que necessita de ajuda", diz Roberto Abdenur, embaixador do Brasil em Washington entre 2004 e 2006.

Para aumentar consideravelmente os gastos militares, Trump quer diminuir o investimento em programas voltados ao meio ambiente e às questões sociais. O presidente ainda não listou quais serão eles, mas a conta não é tão simples. No orçamento ambiental, a ideia é direcionar apenas US$ 6,1 bilhões, ou seja, 25% do que é gasto atualmente. Esse corte, porém, não chega nem à metade do que será necessário. A proposta de Trump deve promover calorosas discussões no Congresso, inclusive entre os integrantes do Partido Republicano, que defendem mais austeridade nos gastos do governo. Em declarações públicas, o presidente da Câmara, o republicano Paul Ryan, afirmou que não aprovaria um documento que não contemple cortes em todos os programas sociais, assim como não preveja uma redução de dívida pública de quase US$ 20 bilhões. Num passado não tão distante, o também republicano George W. Bush aumentou em US$ 51 bilhões os gastos militares para conter a ameaça da Al-Qaeda, em 2002. Além da tensão, Bush aumentou o déficit público do país. Trump segue o mesmo caminho.

PREPARAR, APONTAR

O orçamento americano representa um terço do gasto militar global
(Em US$ bilhões, ao ano)

Estados Unidos	596 + 54 = 650
China	214,8
Arábia Saudita	87,2
Rússia	66,4
Reino Unido	55,5
Brasil	24,6

FONTE: SIPRI

FOTOS: ANDRE LESSA/ISTOÉ | PEDRO DIAS/ AG. ISTOÉ E SILVIA ZAMBONI/VALOR

Com o objetivo de consolidar um bloco forte em contraponto à Europa e aos Estados Unidos, a Rússia sugere ao Brasil a ampliação dos BRICS

Cabe mais um?

Luís Artur NOGUEIRA

Somados, os PIBs dos cinco integrantes dos BRICS (Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul) praticamente equivalem ao dos Estados Unidos. São US$ 16,5 trilhões contra US$ 18 trilhões da maior economia do mundo. Dado o ritmo acelerado de expansão da China e da Índia, é possível prever que esse bloco de emergentes irá tomar a dianteira na pró-

FOTO: BETO BARATA/PR

OS ATUAIS BRICS: (a partir da esq.) os chefes de Estado e de Governo do Brasil, Michel Temer, da Índia, Narendra Modi, da China, Xi Jinping, da Rússia, Vladimir Putin, e da África do Sul, Jacob Zuma, em reunião na China, em setembro do ano passado. Eles decidirão se o grupo será ampliado

xima década. Há, no entanto, um atalho para que isso ocorra de forma mais rápida. Se depender da Rússia, os BRICS podem acrescentar mais algumas letras às reunidas pelo economista inglês Jim O'Neill, em 2001. A sugestão foi apresentada pelo ministro das Relações Exteriores, Sergey Lavrov, ao ministro José Serra, em seu último compromisso como chefe do Itamaraty, no mês passado, na Alemanha. Por razões médicas, Serra pediu demissão e foi substituído, na quinta-feira 2, pelo senador Aloysio Nunes Ferreira (PSDB-SP), que exercia a função de líder do governo no Senado.

A conversa entre os dois chanceleres ocorreu em paralelo à reunião dos ministros das Relações Exteriores do G20, na cidade alemã de Bonn. Em nota oficial, o MID (sigla pela qual o Ministério das Relações Exteriores da Rússia é conhecido mundialmente) relata que os dois ministros confirmaram a intenção de prosseguir com as relações de parceria estratégica entre os países. "As partes discutiram um calendário dos próximos contatos políticos de alto nível, de oportunidades para expandir o arcabouço jurídico dessas relações e aumentar a cooperação internacional, principalmente dentro das principais organizações multilaterais – ONU, BRICS, G20 – e com os países latino-americanos".

O Itamaraty não se pronuncia oficialmente sobre o encontro, mas a DINHEIRO confirmou a informação com um diplomata a par do assunto. "A questão dos BRICS foi discutida, sim", afirma o diplomata, que pede para não ser identificado. "Mas ainda não está sobre a mesa, oficialmente, uma proposta de ampliação do bloco." **Num primeiro momento, a ideia da Rússia não contempla a ampliação definitiva do número de sócios dos BRICS, mas um convite para que alguns países, como Malásia, Indonésia e Argentina, participem ativamente de todos os encontros.** Essa ampliação dos BRICS, ainda que apenas informal numa primeira etapa, pode significar mais força política e econômica. "Para a Rússia, os BRICS são um contraponto ao Ocidente – a Europa e os Estados Unidos", afirma Carlos Gustavo Poggio Teixeira, professor de Relações Internacionais da FAAP. "Ao fortalecer essa coalizão, Vladimir Putin se posiciona estrategicamente em relação ao governo Donald Trump." Poggio, que também é coordenador do curso de Relações Internacionais da PUC-SP, salienta que o Brasil pode ficar numa saia justa, pois não há interesse do Palácio do Planalto em gerar intrigas com os Estados Unidos e a Europa.

O ANTIGO E O NOVO CHANCELER: (à dir.) o senador Aloysio Nunes Ferreira (PSDB-SP) ocupará a vaga do senador José Serra (PSDB-SP) no comando do Itamaraty

A próxima reunião dos chefes de Estado e de Governo dos BRICS será em setembro, na China. Antes disso, no fim de março, os ministros de Finanças do bloco se encontram na Índia para definir os critérios para a entrada de novos membros no Novo Banco de Desenvolvimento, nome oficial do banco dos BRICS. A instituição, com capital autorizado de até US$ 100 bilhões, quer se tornar uma fonte alternativa de empréstimos ao FMI e ao Banco Mundial, que são controlados por europeus e americanos.

A FORÇA DOS BRICS

Conheça os principais indicadores dos 5 integrantes do grupo que totalizam um Produto Interno Bruto (PIB) de US$ 16,5 trilhões, quase o tamanho da economia dos Estados Unidos (US$ 18 trilhões)

	BRASIL	RÚSSIA	ÍNDIA	CHINA	ÁFRICA DO SUL
População	208 milhões	144 milhões	1,31 trilhão	1,37 trilhão	55 milhões
PIB (em US$)	1,8 trilhão	1,3 trilhão	2,1 trilhões	11,0 trilhões	0,3 trilhão
Crescimento (em 2017)	0,2%	1,1%	7,2%	6,5%	0,8%
Inflação (em 2017)	5,0%	4,9%	5,3%	2,3%	5,5%
Desemprego	11,5%	5,9%	*	4,1%	27,0%

Fontes: Banco Mundial e FMI

*NÃO DIVULGADO

FOTO: WALDEMIR BARRETO

O QUE MOBIUS

NO COMANDO DE UMA CARTEIRA DE R$ 100 BILH
ELEVOU EM 20% OS INVESTIMENTOS POR AQU
INFRAESTRUTURA E ESPERA UM CRESCIM

FOTO: MARCELO TABACH

VÊ NO BRASIL

IÕES, EXECUTIVO DA FRANKLIN TEMPLETON **UI** DESDE NOVEMBRO, ESTÁ **ANIMADO COM A ENTO DE ATÉ 5%** NA ECONOMIA EM 2018

Cláudio GRADILONE

MOBIUS, PRONTO PARA CAIR NO SAMBA:
"ALGO QUE ME IMPRESSIONA NO CARNAVAL NO RIO É A FORMA COMO O POVO CONSEGUE FAZER UM SHOW TÃO GRANDE DE MANEIRA ORGANIZADA"

Sexta-feira, 24 de fevereiro. Dia de sol e calor no Rio de Janeiro. Cidade lotada. Os primeiros blocos de Carnaval tomam conta das ruas e os Carnavalescos se apressam para finalizar os últimos detalhes das escolas de samba que desfilariam no domingo. Nesse cenário bem carioca, um folião tardio, mas muito animado, se prepara para apreciar os desfiles na Marquês de Sapucaí. "Adoro o Carnaval", diz Mark Mobius, presidente executivo do Grupo de Mercados Emergentes da gestora de recursos americana Franklin Templeton. Mobius considera a folia

uma excelente demonstração do potencial do Brasil e dos brasileiros. "Uma das coisas que me impressiona no Carnaval no Rio é a maneira como o povo consegue fazer um show tão grande de maneira organizada", diz ele. A animação de Mobius, que supervisiona a gestão de uma fortuna estimada em R$ 100 bilhões em países em desenvolvimento, da China ao Brasil, não se limita à maior festa popular tupiniquim. **O veterano gestor de 80 anos, na Franklin Templeton desde 1987 e referência global em investimentos em mercados emergentes, está convencido de que agora é a hora certa de investir no País. De novo.**

Como sempre faz há quase uma década, Mobius vem ao Brasil em fevereiro. Além de cair no samba – comportadamente, é claro –, ele aproveita para sentir o pulso da economia, passar em revista as tropas da filial brasileira e encontrar-se com quem interessa. Logo ao chegar, no dia 17 de fevereiro, esteve reunido com o presidente Michel Temer em Brasília, onde o primeiro escalão do governo apresentou a ele as novas propostas para atrair investimentos na infraestrutura. Mobius gostou do que viu. "Se os projetos forem bem encaminhados, não haverá falta de dinheiro", diz ele.

Pode parecer apenas uma frase protocolar de um gestor de recursos que não quer melindrar seus anfitriões. No entanto, suas palavras têm um peso enorme. Mobius influencia investidores no mundo todo. Tem um nome equivalente ao de Warren Buffett quando se fala em ações, ou George Soros, para fundos de hedge. Ou mesmo Mohamed El-Erian, gestor de recursos da americana Pimco, que ganhou bilhões com a dívida externa brasileira em 2002. Na Franklin Templeton, ele nunca deixou de apostar no Brasil. A empresa não divulga informações específicas de cada país. Porém, segundo documentos apresentados à Securities and Exchange Commission (SEC), o órgão regulador do mercado de capitais americano, em setembro de 2016 a companhia possuía US$ 733 bilhões em ativos sob administração. Desse total, US$ 32,1 bilhões, cerca de R$ 100 bilhões, estavam destinados a mercados emergentes. Dividem-se entre US$ 17,5 milhões para a renda fixa e US$ 14,6 bilhões para ações. Esses recursos estão espalhados por cerca de 70 países, sem considerar Japão e Europa. "Quando comecei na Templeton, em 1987, investíamos US$ 100 milhões em apenas seis países, e isso mostra como o mercado se diversificou ao longo desse período", diz ele. Mobius estima a fatia investida no Brasil em US$ 1,2 bilhão.

SEM MEDO DA LAVA JATO: PARA MOBIUS, BOA PARTE DOS EFEITOS DA OPERAÇÃO LAVA JATO SOBRE O MERCADO JÁ FORAM SUPERADOS. SEGUNDO ELE, AS INVESTIGAÇÕES FIZERAM COM QUE AS EMPRESAS AVANÇASSEM MUITO RAPIDAMENTE NA MELHORA DE SUA GOVERNANÇA CORPORATIVA

Ao longo das últimas décadas, ele enviou alguns bilhões de dólares para cá, e retirou outros tantos para realizar lucros. Nas carteiras de Mobius, hoje não faltam papéis de companhias como Itaú Unibanco, Itaúsa, Bradesco, BM&FBovespa e Lojas Americanas.

Nos 40 primeiros pregões de 2017, o fluxo de capital estrangeiro na bolsa brasileira foi de R$ 152,1 bilhões. Nesse período, o Ibovespa acumula alta de 11,27%, sendo 3,08% em fevereiro. Mobius, um investidor fundamentalista e de longo prazo, foi um dos motores dessa movimentação.

O compromisso de Mobius com o Brasil vem desde 1990, quando comprou as primeiras ações da holding estatal Telebrás, que seria privatizada em 1998. Naquela época, ele se espantava com as condições precárias em que a economia brasileira funcionava. Em seus livros, descreveu como tinha de sair dos hotéis em que estava hospedado e trocar dinheiro com doleiros nas ruas para poder pagar as contas, visto que o País não permitia que os comerciantes aceitassem cartões de crédito internacionais. A economia era fechada, os riscos eram altos, e os lucros também. "Em quatro anos, nosso investimento em Telebrás nos proporcionou um lucro de cerca de

ELES TAMBÉM INVESTEM NO BRASIL

GEORGE SOROS

SOROS FUND MANAGEMENT

Depois de vender maciçamente ações da Petrobras, em junho de 2015, George Soros comprou 1,56 milhão de ações da empresa, em novembro do ano passado. O bilionário húngaro também aportou US$ 218 milhões em uma empreitada local, a On Telecom, focada em serviços 4G

MOHAMED EL-ERIAN

ALLIANZ

Como gestor da Pimco Funds, El-Erian ganhou bilhões em 2002 ao apostar que Lula iria honrar os compromissos financeiros. Hoje estrategista de investimentos da seguradora Allianz, ele avalia que o Brasil está pronto para um movimento de alta consistente

WARREN BUFFETT

BERKSHIRE HATHAWAY

Além de controlar Kraft Heinz e Burger King em parceria com Jorge Paulo Lemann, Buffett investe no Brasil por meio da Netjets, que oferece serviços de uso compartilhado de jatos executivos e atua em parceria com a Líder Aviação. Em 2010, a Netjets comprou 50 jatos da Embraer

ALTOS E BAIXOS

Resultado dos maiores fundos geridos pela equipe de Mobius em comparação com os índices de mercado – em percentual

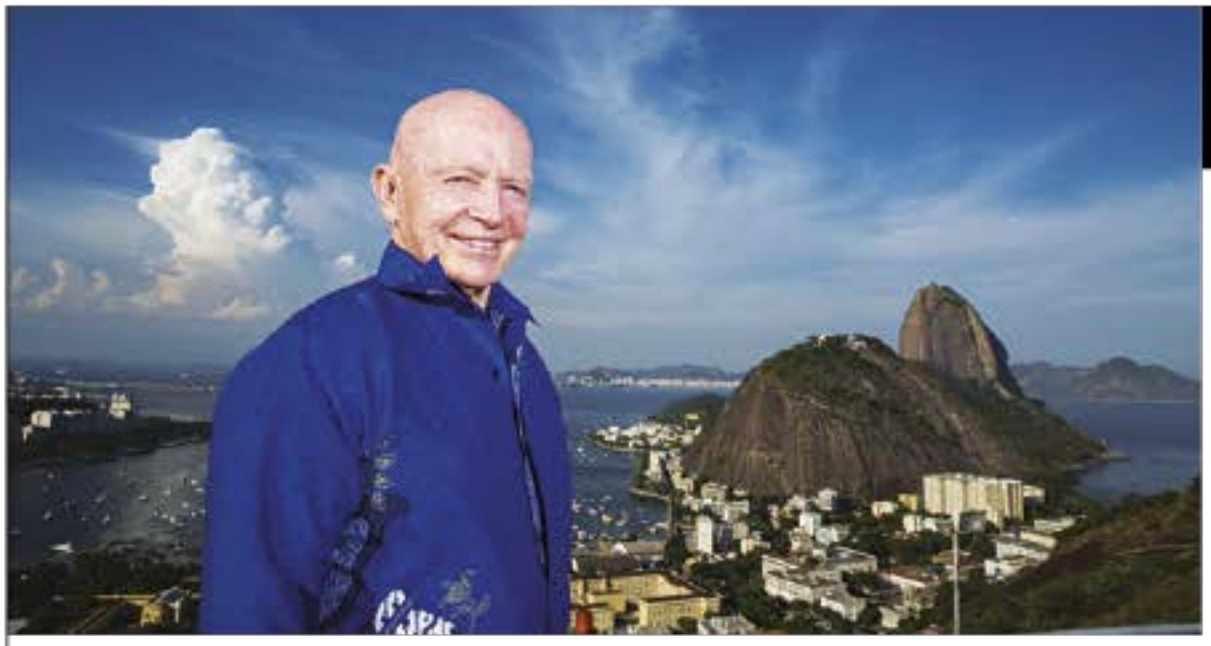
		Variação 12 meses - em %			Variação 36meses - em %		
	PL *(US$ bilhões)*	**Fundo**	**Índice de mercado** (a)	**Comparação com o indicador**	**Fundo**	**Índice de mercado** (a)	**Comparação com o indicador**
Asian Growth Fund	4,92	4,92	4,92	Ganhou	3,26	13,19	Perdeu
Developing Markets Trust	1,36	17,84	25,88	Perdeu	-13,02	5,54	Perdeu
Asian Smaller Companies Fund	4,20	18,18	11,63	Ganhou	18,32	3,12	Ganhou
Latin America Fund	1,14	38,97	48,29	Perdeu	-15,22	-4,91	Perdeu
Frontier	0,82	39,95	33,17	Ganhou	26,14	31,28	Perdeu

Fonte: Franklin Templeton - relatórios de cada fundo, de 31/12/2016 (a) Índice MSCI equivalente de cada mercado

FOTOS: MARCELO D. SANTS/FRAMEPHOTO/ESTADÃO CONTEÚDO | AP PHOTO/BELA SZANDELSZKY | ROB KIM/GETTY IMAGES/AFP E AFP PHOTO/NICHOLAS KAMM

60% (*leia a entrevista ao lado*)". Mobius diz que seus fundos elevaram a participação em empresas brasileiras em cerca de 20% desde novembro passado, mas não divulga os próximos passos. No entanto, sua avaliação para a economia está bastante mais otimista que a média. Para este ano, ele aposta em um crescimento de 0,5% do Produto Interno Bruto (PIB). Já para 2018, acha possível um crescimento de "mais que o dobro" dos 2,3% previstos pela média dos analistas de mercado. Como chegar a um avanço de 5%? "É uma estimativa um pouco maluca, mas não podemos nos esquecer que a base de comparação será muito baixa", diz ele.

Nos últimos tempos, Mobius tem mudado sua estratégia por aqui. Sua avaliação do encontro com Temer foi muito positiva. Segundo ele, a adoção de medidas simples nas concessões de infraestrutura deve aumentar muito o rol dos interessados. Dentre elas, ele cita a ampliação do prazo de análise das propostas para 100 dias, em vez dos 30 habituais, e a publicação de todos os documentos na internet, traduzidos para o inglês. "Não há escassez de dinheiro para investir por aqui", diz. Mobius considera a infraestrutura um negócio interessante, ainda mais agora com as melhorias na governança corporativa das empresas brasileiras decorrentes da Operação Lava Jato. "O efeito da Lava Jato está praticamente superado", diz ele. Os meandros de empresas como a Construtora Odebrecht não o assustam. O executivo é pragmático. "Em todo mundo, construção é um negócio sujo", diz ele. Para Mobius, a Odebrecht é uma empresa com enorme capacidade técnica, que foi prejudicada pela falta de governança. "Ela realizou obras dificílimas na América Latina e na África, sabe operar em países emergentes e tem muita capacidade", diz. E vai além: "Se a Odebrecht lançar ações na Bolsa, certamente irei avaliar a compra".



"O Brasil está se movendo muito mais depressa do que outros países em suas reformas"

Mark Mobius falou com exclusividade à DINHEIRO no dia 24 de fevereiro. A seguir, os principais pontos da entrevista:

O sr. investe no Brasil há muito tempo. Foi difícil convencer seu chefe a investir aqui?
Não. Nessa época já administrávamos um fundo de mercados emergentes, então tínhamos mandato para comprar ações em qualquer país. Não precisávamos de aprovação.

Quais as maiores dificuldades de se investir no Brasil naquela época?
Havia dois obstáculos muito sérios. Um deles era a inflação, que tornava muito difícil para nós calcular o valor justo de uma empresa. Os preços eram todos distorcidos, e isso atrapalhava o nosso trabalho. Outro problema era

AS QUERIDINHAS DE MOBIUS

Principais ações brasileiras nos fundos da Templeton

em US$ milhões, posição em 31/12/16 (a)

Itaú Unibanco	89,9
Itaúsa	89,5
Bradesco	73,8
BM&FBovespa	64,5
Lojas Americanas	54,9

(a) Considerando o Templeton Latin American Fund e o Templeton Emerging Markets Fund. A empresa não divulga posições consolidadas

Fonte: Templeton

FOTOS: MARCELO TABACH E SERGI REBOREDO

operacional, a custódia das ações. Como ter certeza de que as ações que tínhamos comprado seriam mesmo nossas. Mas isso se resolveu com o tempo.

Qual foi seu primeiro investimento aqui? O sr. ganhou dinheiro?
Foi no início da década de 1990, compramos ações da Telebrás [holding estatal de telefonia, privatizada em julho de 1998]. E foi um excelente investimento, ganhamos entre 50% e 60% em cerca de quatro anos. Desde então, nunca fomos embora. Nossa exposição aumentou ou diminuiu ao longo do tempo, mas jamais deixamos de investir no Brasil.

Mesmo em momentos de crise?
Sim. Reduzimos nossa exposição ao Brasil no início da década passada, quando ficou claro que Lula seria eleito presidente. No entanto, ficamos muito surpresos quando ele manteve a política do ex-presidente [Fernando Henrique] Cardoso, que considerávamos muito boa. Então, voltamos a aumentar nossa exposição ao Brasil.

Como o sr. escolhe ações para investir?
Nossa abordagem é fundamentalista. Procuramos boas empresas, que proporcionam bons resultados, e que por algum motivo estejam baratas. Então compramos e esperamos a valorização. Sempre pensamos em um investimento no longo prazo, por alguns anos, no mínimo.

Que ações atraem o sr. agora?
Estamos um pouco mais otimistas que a média com relação ao crescimento da economia, esperamos um avanço de 0,5% neste ano. Assim, nosso foco está em empresas voltadas ao mercado interno, companhias do setor industrial e bancos.

O sr. deixou de investir na Petrobras quando explodiu o escândalo da Lava Jato. Quando o sr. espera voltar a investir na empresa?
Ainda estamos olhando os números da Petrobras, mas vamos dizer assim: ela está fazendo reformas e mudanças e está melhorando. Tem reduzido sua dívida, o que é uma excelente notícia. Mas nós ainda não tomamos uma decisão de compra. Há muitas oportunidades aqui além da Petrobras.

Em uma entrevista à DINHEIRO em Hong Kong, em 1997, o sr. se queixou da governança das empresas brasileiras. Ela melhorou?
Eu me lembro dessa entrevista. Governança é um problema no mundo todo. Nenhuma família que controla uma empresa gosta de dividir o poder. Mas a Lava Jato teve um efeito surpreendente. A governança está melhorando muito mais depressa do que seria de se esperar. O que está ocorrendo no Brasil é incomum, e revolucionário. O Brasil está se movendo muito mais depressa do que outros países em suas reformas, e isso é muito estimulante para investidores como nós.

O sr. vem ao Brasil sempre antes do carnaval. Por quê?
Adoro o Carnaval, venho há nove anos. Uma das coisas que me impressiona no Carnaval no Rio é a maneira como o povo consegue fazer um show tão grande de maneira organizada. Isso é um reflexo da capacidade que os brasileiros têm de fazer as coisas. Quando se noticiou que a Copa do Mundo seria realizada aqui, muitas pessoas que conheço disseram que não seria possível. Eu disse 'não se preocupem, o Brasil vai fazer tudo direitinho'. Os brasileiros foram capazes de realizar a Copa do Mundo sem problemas, de realizar os Jogos Olímpicos sem problemas. Não há nenhuma dificuldade de o Brasil realizar grandes eventos.

PONTE DA ODEBRECHT NA CAPITAL DO PANAMÁ
PARA MOBIUS, APESAR DOS PROBLEMAS COM A LAVA JATO, A COMPANHIA POSSUI UMA ENORME CAPACIDADE TÉCNICA

Relativamente baixo para os padrões americanos, o elegante Joseph Bernard Mark Mobius frequentemente dispensa a gravata, mas não abre mão dos paletós estilosos, quase sempre brancos ou de cor clara. Nascido em 1936, filho de pai alemão e mãe porto-riquenha, ele é formado em comunicações e possui um PhD em Economia pelo Massachusetts Institute of Technology. A formação em comunicações faz com que ele seja muito menos avesso à mídia que a maioria de seus pares. Usuário freqüente do Twitter, blogueiro dedicado e entrevistado compulsivo, Mobius chegou a ter sua carreira registrada em uma história em quadrinhos em 2007. Não por acaso. Antes de juntar-se à Templeton, aos 49 anos, ele trabalhou em diversas instituições financeiras, quase sempre na Ásia, e fundou uma empresa de consultoria em marketing que promovia, entre outros, o licenciamento de produtos ligados à personagem de quadrinhos Snoopy, do cartunista americano Charles Schulz. Sua base são os escritórios da Templeton em Cingapura, mas passa mais de 200 dias por ano voando, quase sempre em aviões de carreira. Se você quiser ver Mobius contrariado, inclua a palavra "aposentadoria" em alguma pergunta. "Não me aposento nem tiro férias porque eu não trabalho, só faço o que gosto", diz ele.

A Via Varejo, empresa que nasceu da união entre Casas Bahia e Ponto Frio, deverá ter um novo dono nos próximos meses. No páreo estariam fundos dos EUA, Lojas Americanas e os chineses do Alibaba. Saiba o que muda no varejo depois dessa venda

Moacir DRSKA e Hugo CILO

Anunciada em dezembro de 2009, a fusão entre Casas Bahia e Ponto Frio figura entre as principais transações da história do varejo brasileiro. Fruto de longas rodadas de negociações entre a família Klein e o empresário Abilio Diniz, o acordo resultou na criação da Via Varejo, gigante dos eletroeletrônicos que elevou o faturamento do Grupo Pão de Açúcar (GPA) para polpudos R$ 40 bilhões, na época. Passados oito anos, Diniz está fora do negócio e a companhia está no centro de uma nova trama que promete redesenhar o cenário competitivo do setor no País. Oficialmente, esse enredo começou a ser escrito em novembro, quando o GPA informou que estava avaliando alternativas envolvendo o seu investimento na empresa. Antes, porém, seu atual controlador, o grupo francês Casino, liderado pelo CEO Jean-Charles Naouri, já havia manifestado em diversas oportunidades o desejo de se desfazer de sua fatia de 43,3% na operação e concentrar os esforços no varejo alimentar.

Sob os indícios crescentes de mudanças no controle da empresa, que ganharam força com a contratação dos bancos Santander, Rothschild e HSBC para assessorar o processo, o leque de potenciais compradores vem suscitando uma onda de especulações. À parte dessas apostas, no entanto, a venda da companhia é dada como certa na sede da Via Varejo, em São Caetano do Sul, no ABC paulista. Nas salas e corredores, o tom das conversas é de ansiedade e apreensão. "Boa parte dos executivos enxerga uma mudança profunda no modelo de gestão, seja qual for o comprador", diz uma fonte do setor. "Muitos acreditam que o perfil será financista, com busca de resultados rápidos e grande possibilidade de cortes." Procurado, o Casino disse que não comentaria o tema. O GPA afirmou que a venda da operação, avaliada em R$ 4,9 bilhões, está em curso e que o mercado será informado sobre qualquer novidade.

Ao que tudo indica, o processo começa a avançar, de fato, nesta semana. Segundo apurou a DINHEIRO, na quarta-feira 8, serão apresentadas as primeiras propostas formais pela companhia. A relação de empresas que estariam no páreo inclui a brasileira Lojas Americanas, o gigante chinês Alibaba e os fundos americanos de *private equity* Advent e Carlyle. Procuradas, essas companhias disseram que não iriam se manifestar. Outros nomes especulados, como a chilena Falabella e o sul-africano Steinhoff, estão descartados. Ao contrário do suposto apetite da dupla pela operação, ventilado anteriormente no mercado, os dois grupos teriam, na verdade, sido procurados pelo Casino e não mostraram interesse por um acordo.

Em meio às negociações que correm a portas fechadas, analistas e executivos ouvidos pela DINHEIRO tentam medir o real grau de interesse das empresas que avaliam a compra da Via Varejo. Dois fatores são apontados como essenciais para que o ativo consiga atrair o maior número possível de potenciais compradores: a busca por eficiência operacional e a necessidade de acelerar a integração dos negócios offline e online. Em relação a

À ESPERA: *o empresário Michael Klein, que detém uma participação de 27,3% na Via Varejo, ainda não se manifestou sobre a possibilidade de seguir na operação*

DE SAÍDA: *o grupo francês Casino, do CEO Jean-Charles Naouri, quer se desfazer da Via Varejo para se concentrar no varejo alimentar*

essa última vertente, a empresa só incorporou as operações de comércio eletrônico do Ponto Frio e da Casas Bahia, reunidos sob a bandeira Cnova, no segundo semestre de 2016. Até então, cada companhia era independente, o que dificultou a implantação de uma estratégia multicanal. "Eram negócios totalmente apartados, que só compartilhavam as mesmas marcas e, na prática, eram concorrentes", diz um executivo do setor. "A empresa ficou engessada e não acompanhou a velocidade de rivais, como a Magazine Luiza, que avançou muito nessa esfera."

Os reflexos dessa falta de "diálogo" ficaram explícitos há duas semanas, quando a Via Varejo reportou, pela primeira vez, resultados que simulavam a incorporação da Cnova. Sob o peso de uma perda de R$ 845 milhões dos negócios online, **a companhia apurou um prejuízo líquido de R$ 750 milhões em 2016. A receita no ano foi de R$ 23,2 bilhões, em queda de 8,7% na comparação com 2015.** A empresa ressaltou, no entanto, que capturou R$ 325 milhões em sinergias com as primeiras iniciativas de integração, com medidas consolidadas no último trimestre, como a unificação de estoques. No decorrer de 2017, a Via Varejo espera obter um ganho adicional de R$ 245 milhões nessa frente. Ao mesmo tempo, o grupo sinalizou uma estratégia mais cautelosa no varejo físico, ao contabilizar a inauguração de oito lojas, ante o fechamento de 47 pontos de venda, encerrando o ano com 975 pontos de venda.

Para Ana Paula Tozzi, CEO da AGR Consultores, a Lojas Americanas é a favorita para uma aquisição, pelo fato de a empresa ser controlada por sócios do fundo 3G Capital, do bilionário brasileiro Jorge Paulo Lemann. Ele é conhecido por comprar operações que combinam um grande faturamento com baixa eficiência operacional, o que permite fazer grandes economias operacionais e obter lucros imensos. "A Via Varejo se encaixa perfeitamente nessa tese de investimentos", diz. "E esse perfil tem capacidade de acelerar as mudanças necessárias na companhia". A aprovação, em feve-

FOTOS: RAFAEL ANDRADE/FOLHAPRESS E EDUARDO KNAPP/FOLHAPRESS

DESAFIO: *para analistas, a falta de integração entre as lojas físicas e os canais online é uma das principais falhas da Via Varejo*

reiro, de uma oferta primária de ações da Lojas Americanas seria mais um indicativo de que o grupo estaria avaliando um acordo. A expectativa é captar R$ 2,5 bilhões. "O valor não é suficiente para a transação, mas é um sinal de que a empresa está aumentando sua liquidez para investir", afirma um executivo do setor. "Ao mesmo tempo, o 3G Capital tem uma enorme capacidade de captar mais recursos para concluir a compra e reestruturar o negócio, assim como fez com a Americanas."

Contudo, **nem todos enxergam com bons olhos uma eventual aquisição pela Lojas Americanas. Além da alta complexidade para integrar as duas operações, a cultura de cortes de despesas, ganhos de eficiência e de metas extremamente ambiciosas dos sócios do 3G Capital é visto como o maior entrave**. "Eles entram com o pé na porta e impõem seu modelo de gestão. Seria uma transição extremamente traumática", afirma uma fonte do varejo. Outro executivo observa que um acordo integraria duas operações acostumadas "a frustrar as expectativas de investidores e acionistas": a Cnova e a B2W, empresa que concentra os negócios online da Lojas Americanas. "Seria como unir o pior de dois mundos", diz.

A implantação de uma estratégia multicanal e o foco em aprimorar a eficiência das operações também seriam os motivos que justificariam o investimento dos fundos Advent e Carlyle. "O grande valor do negócio para um investidor puro, que busca resultado em curto e médio prazos, é a consolidação da integração com o digital", diz Alberto Serrentino, fundador da consultoria Varese. "É essa vertente que poderia valorizar o ativo para uma saída lucrativa no futuro." Para Samuel Torres, analista da Spinelli Corretora, o corte de custos e a busca rápida por lucratividade seguiriam a mesma ordem de prioridade de um acordo da Via Varejo com a Lojas Americanas. "Tanto o Carlyle como o Advent têm uma capacidade conhecida de investir em processos intensos de reestruturação", afirma.

NO TOPO

As maiores empresas do varejo de eletroeletrônicos e móveis no Brasil em faturamento, considerando operações offline e online *(EM %)*

Fonte: Varese Retail

O ALVO

Os números da Via Varejo

Receita de
R$ 23,2 BILHÕES **em 2016**

Prejuízo de
R$ 750 MILHÕES **em 2016**

975 LOJAS **no País**

FOTOS: BIO BARREIRA

LOJAS AMERICANAS

Receita de **R$ 18,1 bilhões** em 2016

Possui **1.127 lojas** no País

No **e-commerce**, opera com bandeiras como **Americanas.com** e **Submarino**

Em fevereiro, aprovaram uma oferta primária de ações com expectativa de arrecadar **R$ 2,5 bilhões**

ALIBABA

Receita de **US$ 15,1 bilhões** em 2015

Há cerca de três anos, começou a investir em **varejo offline**

Em 2015, comprou **19,9%** de participação na **Suning**, varejista chinesa de eletroeletrônicos

Está liderando a oferta de **US$ 2,6 bilhões** para fechar o capital do grupo varejista chinês **Intime**

No fim de 2016, comprou uma fatia minoritária da cadeia de supermercados chinesa **Sanjang**, por **US$ 305 milhões**

ADVENT

O fundo americano já investiu **US$ 32 bilhões** em mais de **320** transações em **40** países

Gerenciam **US$ 42 bilhões** em ativos em áreas como **varejo**, **saúde**, **finanças** e **tecnologia**

No Brasil, já investiram em empresas como o **Grupo Fleury**, a **Kroton** e o **Centro Universitário da Serra Gaúcha** (Cesuga)

Em 2014, captaram **US$ 2,1 bilhões** para investir na América Latina

CARLYLE GROUP

O portfólio do fundo americano inclui mais de **270 companhias**

Gerenciam **US$ 158 bilhões** em ativos no mundo

Investe em segmentos como **varejo**, **energia**, **finanças**, **saúde** e **tecnologia**

Em 2012, compraram **60%** da **Tok&Stok**, por **R$ 700 milhões**

No Brasil, os investimentos incluem ainda empresas como **Rede D'Or** e **Qualicorp**

SALDO NEGATIVO: *em 2016, a Via Varejo inaugrou oito lojas e fechou outros 47 pontos de venda no País*

No entanto, o interesse efetivo das duas companhias também divide opiniões. No caso da dupla, um acordo faria mais sentido para o Carlyle, que tem um histórico de investimentos locais em empresas como a Tok&Stok. "Eles apostaram, por exemplo, na CVC. Mas era um ativo bem menos estressado se comparado ao momento atual da Via Varejo", diz Adeodato Volpi Netto, estrategista-chefe da Eleven Financial. A Advent, por sua vez, teria outras prioridades no momento, especialmente com a Quero Quero, varejista gaúcha de materiais de construção, adquirida em 2010. "Eles, até hoje, patinam com essa operação", diz uma fonte que pediu anonimato. "Não faria sentido investir em uma aquisição do tamanho da Via Varejo."

Outra empresa citada na disputa, o gigante chinês Alibaba teria uma motivação um pouco diferente de seus "rivais". "Eles já têm uma base considerável de clientes no Brasil e estão fazendo incursões no mundo físico", diz Alberto Serrentino. A entrada no varejo offline, ainda restrita ao seu mercado doméstico, vem se traduzindo em investimentos como o aporte de US$ 4,6 bilhões, em 2015, na Suning, varejista chinesa de eletroeletrônicos. "Com a Via Varejo, eles entrariam pela porta da frente nesse segmento no Brasil." Para outra fonte, porém, um movimento dessa natureza só faria sentido se a empresa tivesse um acionista minoritário que já conhecesse as nuances do varejo brasileiro. No caso, ele atende pelo nome de Michael Klein, que detém uma fatia de 27,3% na Via Varejo. Procurado pela DINHEIRO, o empresário não atendeu ao pedido de entrevista. "Klein tem a possibilidade de sair do negócio, se quiser. Mas até agora ele não se manifestou", diz um executivo do varejo.

Segundo apurou a DINHEIRO, a expectativa é concluir o processo de venda da Via Varejo até o fim do primeiro semestre. Nenhum analista se arrisca a cravar que o negócio será concretizado. O fato de Casino e GPA manifestarem claramente o desejo de se desfazer da operação é um dos fatores por trás dessa visão, especialmente por reduzir, logo de partida, o valor do ativo. "A noiva nem é tão bonita assim para ter tantos pretendentes e ela está no Tinder", diz uma fonte.

Colaboraram Ralphe Manzoni Jr. e Flávia Galembeck

ELE RESGATOU DUAS MONTADORAS. **SALVARÁ A MITSUBISHI?**

Depois de recolocar a Renault e a Nissan na trilha do crescimento, o brasileiro Carlos Ghosn tenta **reeguer mais uma empresa japonesa**

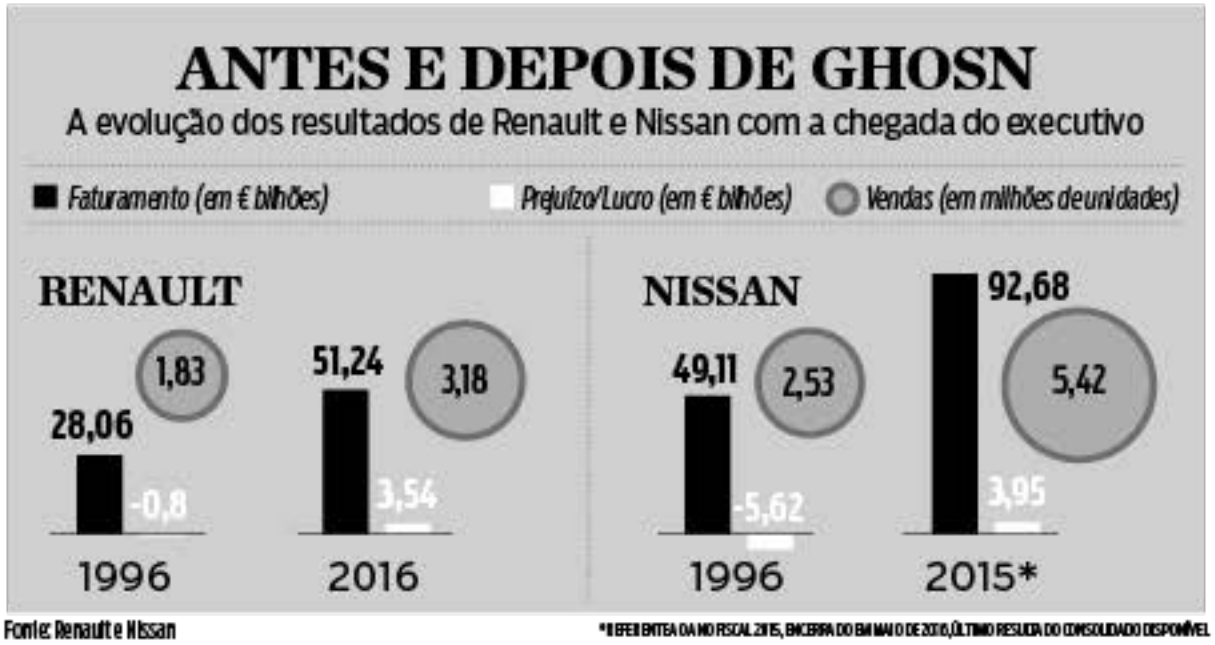
Rodrigo CAETANO

Na última virada de ano, como faz em todos os Réveillons, o executivo brasileiro Carlos Ghosn viajava de Tóquio para o Rio de Janeiro em um jato Gulfstream G500. "Em algum lugar do Atlântico, a uma altitude de 14 mil metros, meus pensamentos estavam no Japão", escreveu Ghosn, no primeiro parágrafo de um longo relato, publicado em janeiro no periódico japonês Nikkei Asian Review. No artigo, ele conta, com uma quantidade surpreendente de detalhes, sua trajetória de vida, desde a infância no interior de Rondônia até o topo do mercado automotivo. Quem o lê hoje, sabendo que, após quase duas décadas, Ghosn está deixando o posto de CEO da japonesa Nissan, nota certo tom de nostalgia. "Apesar de ser uma tradição passar as festas com minha família, uma parte de mim gostaria de poder estar no Japão", afirmou. Os funcionários da Nissan, montadora que ele ajudou a reerguer, certamente sentiram um ar de despedida. Mas o Japão continuará no radar de Ghosn. Afinal, sua missão, agora, será salvar a Mitsubishi, a única fabricante nipônica no vermelho, em seu terceiro grande desafio na carreira.

Ghosn abdicou do posto de comandante da segunda maior montadora japonesa no dia 23. Ele sai do dia a dia da Nissan para se concentrar em suas tarefas como CEO da francesa Renault, chairman da Aliança Renault-Nissan e, primariamente, chairman da Mitsubishi. Em maio do ano passado, a Nissan fez um aporte de US$ 2,2 bilhões na rival, tornando-se sua maior acionista. Meses antes, um escândalo de manipulação de dados de consumo de combustível abalou as estruturas da companhia, que apresenta resultados decepcionantes. **Em seu terceiro trimestre fiscal, encerrado em dezembro, a Mitsubishi registrou uma queda de 19,3% em seu faturamento, que ficou em 1,34 trilhão de ienes (cerca de US$ 11 bilhões).** No Brasil, os carros da marca, que é bem avaliada pelos consumidores, são comercializados pela HPE, que detém os direitos de fabricação e venda. No ano passado, foram emplacados 14 mil veículos, ante 26 mil em 2015.

O investimento da Nissan serviu como um alento, nem tanto pelo dinheiro, e mais

NOVO DESAFIO: *na Mitsubishi, Ghosn terá de lidar com um cenário de queda de receita e falhas de comunicação*


ANTES E DEPOIS DE GHOSN
A evolução dos resultados de Renault e Nissan com a chegada do executivo
Faturamento (em € bilhões)
Prejuízo/Lucro (em € bilhões)
Vendas (em milhões de unidades)

Fonte: Renault e Nissan

*REFERENTE AO ANO FISCAL 2015, ENCERRADO EM MAIO DE 2016, ÚLTIMO RESULTADO CONSOLIDADO DISPONÍVEL

pela possibilidade de se contar com o talento de Ghosn. "Ele é uma pessoa especial em um trabalho muito desafiador", afirmou a analista Julie Boote, da consultoria londrina Pelham Smithers Associates, ao Wal Street Journal. "Mas seu alvo final é unir, definitivamente, a Renault e a Nissan." Antes, terá de lidar com a Mitsubishi.

São dois os desafios que ele enfrentará nessa nova configuração da aliança, que envolve uma terceira parte. O primeiro é reestruturar a gestão da Mitsubishi. Esse trabalho começou com uma decisão simples, mas eficaz: a mudança do idioma nas reuniões, do japonês para o inglês. Era comum, segundo pessoas familiarizadas com o dia a dia da empresa, que as reuniões em japonês se transformassem em um grande teatro de monólogos. Propostas e apresentações, costumeiramente, ultrapassavam duas dezenas de páginas de dados e explicações. A falta de clareza tornava o processo decisório lento. O cenário, agora, é outro. A mudança forçou os executivos japoneses a serem mais concisos. Propostas não passam mais de cinco páginas. Isso tem dado a velocidade necessária para que a empresa faça as mudanças que precisa para evitar novos escândalos e projetar carros mais adequados às demandas globais.

Melhorar a comunicação interna, por sinal, foi a primeira ação tomada pelo executivo quando chegou na Renault, em 1996. "Havia muitos dedos apontados, mas poucas soluções", relata Ghosn. Na época, a empresa amargava prejuízo. Dez anos depois, a receita quase duplicou e o lucro foi para a casa dos bilhões (*veja quadro*). O mesmo aconteceu com a Nissan. Seu desempenho à frente da montadora japonesa o alçou ao estrelato na terra do sol nascente. Ghosn é celebrado como um herói no país e virou até personagem de mangá, o tradicional quadrinho japonês.

O segundo desafio é aproveitar as sinergias provenientes da aliança. Em 2015, Renault e Nissan economizaram cerca de US$ 4,5 bilhões em compras conjuntas e compartilhamento de infraestruturas. "Precisamos tirar vantagem da nossa escala", afirmou o executivo. "Para isso, é preciso tomar decisões e se certificar de que elas são adotadas pelas três companhias, o que demanda muito trabalho." De fato, sozinhas, Renault, Nissan e Mitsubishi seriam apenas mais uma competidora, bem atrás das líderes de mercado Volkswagen, Toyota e GM. Juntas, fabricam cerca de 10 milhões de carros por ano, quase o mesmo do que cada uma das três maiores. "A vantagem do líder é pequena e temos uma expectativa de crescimento forte para este ano", diz Ghosn. Será um presságio?

AS DERRAPADAS DA UBER

Acusações de assédio sexual, roubo de informações e uma acalorada discussão de seu ***CEO, Travis Kalanick****, com um motorista. Como a startup mais valiosa do mundo está enfrentando esses problemas*

Ralphe MANZONI JR.

DEPOIS DOS INCIDENTES, KALANICK (À ESQ.) ADMITIU PROCURAR AJUDA PARA COMANDAR O UBER. ***"DEVO MUDAR COMO LÍDER E CRESCER"***

O empresário americano Travis Kalanick já ganhou a alcunha de o "CEO mais odiado no mundo". Fundador do aplicativo de transporte Uber, ele foi – e ainda é – *persona non grata* para a maioria dos taxistas do planeta, por conta da destruição que seu aplicativo de caronas provocou nesse mercado. Nas últimas semanas, no entanto, esse apelido nada agradável nunca lhe foi tão apropriado. A startup americana, que vale US$ 68 bilhões, esteve envolvida em uma série de derrapadas que colocaram em xeque a sua cultura de trabalho. No fim de fevereiro, a ex-funcionária Susan Fowler relatou em seu blog que sofreu assédio sexual e que, após informar o departamento de recursos humanos, a companhia nada fez. Logo depois, a Waymo, empresa de carros autônomos da Alphabet, holding que controla o Google, processou a Uber por supostamente roubar informações confidenciais de seu projeto de veículo sem motorista. Não bastasse isso, em 28 de fevereiro, um vídeo publicado pelo site de notícias econômicas *Bloomberg* mostrou Kalanick discutindo com Fawzi Kamel, um motorista do aplicativo, que reclamava dos preços baixos que espremem os ganhos dos condutores. "Algumas pessoas não se responsabilizam pelos próprios problemas", disse o CEO da Uber, em fúria.

FOTO: JULIE GLASSBERG

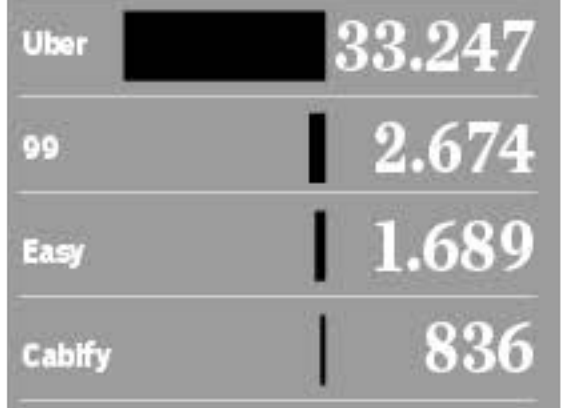
Após esses três incidentes, a Uber ficou debaixo de forte escrutínio da mídia americana, que publicou diversas reportagens criticando sua cultura. Não faltaram exemplos de condutas consideradas impróprias, segundo relatos divulgados pelo jornal americano *The New York Times*. **O quadro, com base em mais de 30 depoimentos, mostra uma empresa que coloca os funcionários uns contra os outros e faz vista grossa para as infrações cometidas por aqueles com melhor desempenho.** Em nota, Kalanick disse que o que Susan Fowler "descreveu em seu blog é detestável e contrário a tudo que a Uber defende e acredita". A companhia abriu uma investigação para apurar o caso. Sobre o processo da Alphabet, a startup diz que se trata de "uma tentativa sem fundamento de frear um concorrente e vamos nos defender na Justiça". Kalanick também se desculpou com Kamel, o motorista com quem discutiu. "Devo mudar como líder e crescer", afirmou. "Esta é a primeira vez que estou disposto a admitir que preciso de ajuda de liderança e pretendo obtê-la".

Acusações de assédio sexual em empresas de tecnologia não são uma exclusividade da Uber. No ano passado, uma pesquisa realizada pelas executivas americanas Trae Vassallo e Michele Madansky, chamada de *The Elephant in the Valley*, com mais de duas centenas de mulheres que trabalharam por mais de uma década em empresas de tecnologia, apontou que 60% delas tiveram problemas relacionados à conduta sexual em seus ambientes de trabalho. A maioria, no entanto, não fez nada, pois acreditava que relatar os fatos poderia prejudicar sua carreira.

Ambientes de trabalho agressivos são também parte da cultura corporativa de grande parte das empresas de ponta. A Amazon, considerada a companhia mais inovadora do mundo pela revista americana *Fast Company*, também sofreu acusações de incentivar um clima interno de muita pressão, de pouca camaradagem e de estímulo para que os seus empregados passassem a perna uns nos outros. O livro "A Loja de Tudo", do jornalista Brad Stone, conta a história da varejista online

BRONCA ONLINE

Volume de reclamações de Janeiro de 2016 a Janeiro de 2017



Queixas do Uber pelos quatro principais Estados:

FONTE: RECLAME AQUI

e faz um relato de seu fundador, o empreendedor Jeff Bezos, nada dignificante. Ele é, ao mesmo tempo, considerado brilhante e sanguinário. O fundador da Apple, Steve Jobs, morto em 2011, também era conhecido pelas suas atitudes pouco polidas no trato com seus subordinados.

A Uber, no entanto, está conseguindo um feito raro. Além de ter um ambiente de forte pressão por resultados, a exemplo de muitas outras empresas, a companhia está se indispondo com seus motoristas, que reclamaram da redução do preço das tarifas, e também com seus consumidores, que têm apontado uma queda na qualidade do serviço. "O que acontece com a Uber é um reflexo, de forma mais aguda, do que já vimos na Amazon: a busca por resultado a qualquer custo", afirma Marcelo Coutinho, coordenador do mestrado profissional da FGV. Mercados altamente tecnológicos, como o que a Uber está, são também marcados pela regra de que o "vencedor fica com tudo". Por esse motivo, destruir o rival passa a ser vital para o resultado da companhia, o que pode explicar a agressividade da startup. "O modelo de negócio da Uber só funciona se ela levar a falência seus competidores e construir um monopólio", diz Vivek Wadhwa, membro eminente da Singularity University e da Stanford University. "Só assim, ele pode subir preços e se tornar lucrativo." **Em 2016, a receita da startup foi estimada em US$ 5,5 bilhões e o prejuízo, em US$ 3 bilhões.**

As perdas, no entanto, não podem ser consideradas ainda um problema. A Uber está altamente capitalizada. Desde sua fundação, em 2009, já recebeu US$ 12,9 bilhões em recursos dos principais fundos de venture capital do Vale do Silício. Com tanto dinheiro, ela avançou mundo afora e já está presente em mais de 500 cidades ao redor do globo. No Brasil, estima-se que esteja em mais de 40 municípios. Mas a concorrência está aumentando e ganhando cada vez mais espaço. Na China, a empresa de Kalanick sucumbiu ao Didi Chuxing, que comprou sua operação. No Brasil, o aplicativo rival 99 recebeu aporte de US$ 100 milhões da Didi e usará toda essa dinheirama para investir no serviço Top, uma espécie de Uber da startup brasileira. No começo do ano, o Top contava com cinco mil motoristas em São Paulo. Até o fim de março, a meta é chegar a 20 mil em até três cidades. Em 2017, o plano é estar em até 10 localidades.

O aumento da concorrência no Brasil vem acompanhado da queda da qualidade do serviço. Um levantamento do site ReclameAqui, uma espécie de Procon online, mostra que a Uber teve 1.357 reclamações em 2015. Esse número foi multiplicado por 22, chegando a 30.144 em 2016. "Eles subestimaram o consumidor brasileiro", afirma Maurício Vargas, presidente do ReclameAqui. "Acharam que são uma empresa de tecnologia, mas são de serviço. É um erro estratégico." A Uber alega que tinha 1 milhão de clientes em 2015. Hoje, são quase 9 milhões. A empresa também inaugurou uma nova central de atendimento em São Paulo, espaço que vai receber R$ 200 milhões em investimento. Segundo o ReclameAqui, 64% do volume total das queixas estão concentradas em São Paulo e Rio de Janeiro, cidades onde o aplicativo de transporte está atuando desde 2015. A startup fundada por Kalanick tem menos de uma década de vida. Mas precisará acelerar para mudar seus processos e para melhorar seus controles, caso não queira que essas derrapadas se transformem em uma acidente mais sério no futuro.

INFERNO ASTRAL

Confira as principais dificuldades que a Uber está enfrentando no mundo e no Brasil:

ACUSAÇÃO DE ASSÉDIO SEXUAL

A ex-funcionária Susan Fowler, que trabalhou na área de engenharia de novembro de 2015 a dezembro de 2016, relatou em seu blog que sofreu assédio sexual, mas, quando relatou a ofensa para os funcionários de recursos humanos e de gestão, eles se recusaram a punir o agressor porque ele tinha "um alto desempenho". Vários relatos posteriores indicam que isso fazia parte da cultura da empresa. O Uber abriu uma investigação interna.

ROUBO DE INFORMAÇÕES

A Alphabet, holding que controla o Google, abriu um processo contra a Uber, acusando-a de roubar informações confidenciais sobre seu projeto de carro autônomo. A Uber nega.

BATE-BOCA COM MOTORISTA

Um vídeo publicado pela Bloomberg mostrou o CEO da Uber, Travis Kalanick, discutindo de forma agressiva com um motorista, que reclamava de a empresa estar baixando os preços, o que teria levado ele a ter prejuízo. Kalanick pediu desculpas e disse que iria procurar ajuda externa para se tornar um CEO melhor.

AUMENTO DA CONCORRÊNCIA

Em janeiro, a chinesa Didi Chuxing investiu US$ 100 milhões no aplicativo 99, que vai usar os recursos para ampliar o seu serviço POP, uma espécie de Uber da startup brasileira. A espanhola Cabify também está ganhando clientes, por conta dos problemas do Uber. Na China, o Didi Chuxing comprou a operação do Uber.

FOTO: OSWALDO CORNETI | DIVULGAÇÃO

COISA PERIGOSA

A INTERNET DOS OBJETOS É UM MERCADO QUE PODE MOVIMENTAR US$ 6,2 TRILHÕES NA PRÓXIMA DÉCADA. MAS CRESCEM AS PREOCUPAÇÕES COM A SEGURANÇA DOS APARELHOS CONECTADOS

João Loes, de São Francisco*

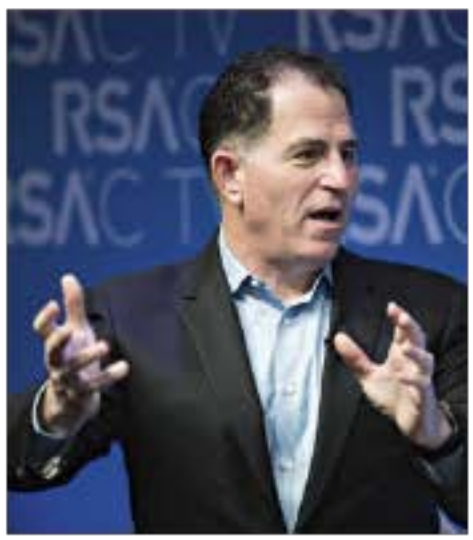
Em outubro de 2016, um exército de pelo menos 100 mil dispositivos infectados com o malware Mirai – a maioria câmeras de segurança e gravadores de vídeos – foi usado parar tirar do ar serviços como Twitter, Netflix, Spotify e PayPal, além dos sites do jornal The New York Times e da rede de TV Fox, entre outros. Foi o primeiro grande ataque de que se tem notícia a usar "coisas" em vez de computadores para derrubar um serviço de internet. "Estamos saindo da era do bilhão de dispositivos conectados para entrar na era das centenas de bilhões de dispositivos online", disse Michael Dell à DINHEIRO, em meados de fevereiro, durante a RSA Conference 2017, uma das maiores feiras de segurança digital, que acontece anualmente em São Francisco, Cingapura e Abu Dhabi. "Os CEOs com quem eu converso estão cada vez mais preocupados com segurança".

O ataque foi o primeiro alerta de que poderia haver alguma coisa errada com a chamada internet das coisas (*internet of things*, ou IoT), tecnologia que conecta "coisas" tão distintas quanto uma máquina de lavar, um relógio, um carro e uma banheira à web – e permite que elas conversem entre si. Até agora, ela vem cumprido a promessa de permitir uma vida mais confortável. Geladeiras conectadas à web já identificam produ-

ILUSTRAÇÃO: BEEBRIGHT | FOTO: DIVULGAÇÃO

tos que estão para vencer e encomendam reposições, sistemas de ar-condicionado conversam com monitores de temperatura de pele para resfriar ou aquecer ambientes, e sensores permitem o monitoramento remoto de maquinário industrial, liberando funcionários do chão de fábrica. Mas a conectividade que dá conforto está expondo, de maneira inédita, as redes de casa, do trabalho e de infraestrutura. Para os criminosos digitais, com a explosão da internet das coisas, multiplicaram-se as portas de entrada para a invasão.

O mercado vivia, até recentemente, em lua de mel com a internet das coisas.. Com potencial para gerar economias de US$ 177 bilhões ao ano e força para atrair investimentos de até US$ 6,2 trilhões na próxima década, a IoT cegou os entusiastas para os seus riscos. "Toda inovação atrai a exploração", afirma Zulfikar Ramzan, diretor-chefe de tecnologia da RSA, uma empresa de segurança digital. Agora, de um dia para o outro, proteger a internet das coisas virou prioridade. No Brasil, o Plano Nacional de Internet das Coisas, que deve ser finalizado pelo Ministério da Ciência, Tecnologia, Inovações e Comunicações (MCTIC) e o Banco Nacional do Desenvolvimento Social (BNDES) até setembro deste ano, trata como prioridade a proteção dos dispositivos conectados e dos dados armazenados e compartilhados pelos aparelhos como prioridade. Internacionalmente, gigantes do setor têm pressionado governos para que se estabeleça um padrão mínimo de segurança que todos os fabricantes de dispositivos para a internet das coisas sejam obrigados a respeitar. "Não temos cinco anos para resolver essa questão", diz Niloofar Howe, diretora de estratégia da RSA. "Os governos precisam se unir e trabalhar rápido numa solução para esse problema".



SEGURANÇA: Para Michael Dell, fundador da Dell, mundo terá centenas de bilhões de dispositivos online

Entre as propostas de regulação apresentadas está a de exigir que os dispositivos feitos para interagir na internet das coisas já venham, de fábrica, com recursos básicos de proteção instalados. Coisas como a exigência da configuração de nome de usuário e senha pelo proprietário e autonomia para conduzir atualizações automáticas e remotas de firmware, o software que controla o funcionamento do dispositivo. "Mas, se há setores da indústria que clamam por regulação, outros têm oferecido resistência", diz Alex Cox, diretor da FirstWatch, divisão de segurança que detecta e identifica novas ameaças virtuais.

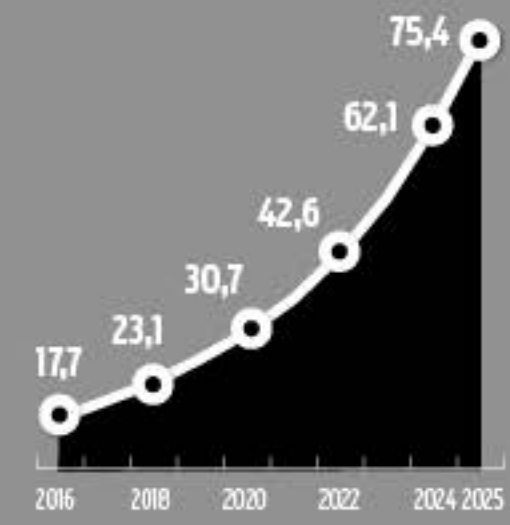
Para alguns fabricantes desses aparelhos, incluir camadas de segurança significa complicar a vida do usuário. Segundo eles, o comprador terá que se familiarizar com um novo processo de configuração, o que pode desestimular as vendas. "Vai ser uma briga entre quem tem o olhar voltado apenas para os negócios e quem já entende a segurança como parte do negócio", diz Cox. Enquanto não houver regulação, a torcida é para que, na disputa pelo bolso do consumidor, a segurança não acabe em segundo plano.

**O repórter viajou para São Francisco a convite da RSA Conference 2017*

O BOOM DA INTERNET DAS COISAS

O número de aparelhos conectados deve mais que triplicar até 2025, aumentando os desafios de segurança no segmento

(em bilhões de dispositivos online)



INDICADORES SOBRE O MERCADO DE INTERNET DAS COISAS (IOT)

US$ 547 MILHÕES
serão gastos com segurança em IoT em 2018, uma alta de 57% frente a 2016 (1)

US$ 344 BILHÕES
serão gastos com hardware, software e serviços em IoT em 2020 (2)

US$ 177 BILHÕES
serão economizados em custos diretos com a adoção de soluções de IoT em 2020 (3)

Fontes: HIS Markit (IoT platforms: enabling the Internet of Things), (1) Gartner (Forecast: IoT Security, Worldwide, 2016); (2) AT Kearney (Internet of Things 2020: A Glimpse Into the Future); (3) AT Kearney (Internet of Things 2020: A Glimpse Into the Future)

POR ROGER MARZOCHI

A nave espacial da Apple vai decolar

CONHEÇA O PROJETO DA NOVA SEDE QUE A APPLE VAI INAUGURAR EM ABRIL EM CUPERTINO, NA CALIFÔRNIA (EUA)

US$ 5 BILHÕES foram gastos pela companhia para construir a nova sede, idealizada quando Steve Jobs estava vivo, em 2011

708 mil METROS quadrados é o tamanho da área total onde foi construída a nova sede

80 mil METROS quadrados é o tamanho da atual sede da empresa, também em Cupertino

260 MIL METROS quadrados é a área do prédio principal, montado em um círculo gigante, que tem sido chamado de disco voador ou nave espacial, mas seu nome oficial é Apple Park

12 mil FUNCIONÁRIOS farão a transição para o novo espaço em até seis meses

1,5 ANO foi o tempo que levou para se projetar somente as maçanetas das portas do novo prédio

Norman FOSTER é o arquiteto do projeto, que assina construções como a da Prefeitura de Londres e do Aeroporto Internacional de Hong Kong

1 mil LUGARES será a capacidade do teatro da nova sede, que leva o nome de Steve Jobs, fundador da companhia

Tim Cook, CEO da Apple

Fonte: Apple

Nokia 3310 está de volta, **mas deixa a desejar...**

Lançado há 17 anos, o **Nokia 3310** ficou na memória de muita gente. Conhecido por ser resistente, o aparelho está de volta ao mercado. A HMD Global, detentora da marca Nokia, apresentou, no domingo 26, uma nova versão do celular durante a feira Mobile World Congress, em Barcelona, na Espanha. O aparelho ganhou design moderno, tela colorida e uma nova versão de Snake, o "jogo da cobrinha". O celular, no entanto, deixa a desejar. Embora tenha bateria de longa duração, a tela tem 2,4 polegadas e não é sensível ao toque. O seus sistema ainda não é compatível com alguns aplicativos, como o WhatsApp e o Spotify. O modelo chegará ao Brasil em julho pelo preço de R$ 160.

... enquanto isso, a Blackberry retorna com todo fôlego

A chinesa TCL, que detém a marca Blackberry, confirmou um novo celular durante a Mobile World Congress. A companhia começará a vender em abril o **KeyOne**, por US$ 549. A data de lançamento no Brasil deve ser setembro. Mantendo o design dos antigos modelos fabricados pela companhia americana, o novo aparelho possui um teclado, com 52 teclas. É possível programar a tecla "I", por exemplo, para acessar na hora o Instagram. O sistema operacional é o Android 7.1, com uma tela de 4,5 polegadas. O modelo possui uma câmera frontal e uma traseira, com 12 megapixels, capaz de gravar imagens com resolução em 4K.

INFOGRÁFICO: EVANDRO RODRIGUES | FOTOS: DIVULGAÇÃO | TATIANA FERRO

YOUTUBE PREPARA-SE PARA CONCORRER COM TVS A CABO

A concorrência entre a televisão a cabo e por assinatura ficará maior nos próximos meses. É que o serviço de vídeo YouTube, do Google, anunciou, na terça-feira 28, que lançará um serviço de TV com pacotes de canais ao vivo. A estreia do serviço se dará primeiro nos Estados Unidos. A um custo de US$ 35 mensais, o assinante americano poderá ter acesso à programação de esporte e dezenas de canais a cabo populares, além de redes como ABC, Fox, CBS e NBC. Cada consumidor poderá compartilhar o acesso ao YouTube TV com até seis usuários. "O YouTube TV foi criado especificamente para as necessidades de uma nova geração de fãs de televisão, que desejam assistir ao que quiserem, quando quiserem, como quiserem, sem compromisso", disse a diretora executiva do Google, Susan Wojcicki, em transmissão ao vivo na sede do YouTube, na Califórnia.

O drama do **herdeiro da Samsung**

O herdeiro do grupo Samsung **Lee Jae-Yong** e outros quatro executivos da companhia foram indiciados, na terça-feira 28, na Coreia do Sul. Lee, que está preso, foi acusado por corrupção. A Samsung é acusada de ter repassado milhões a Choi Soon-Sil, amiga da ex-presidente Park Geun-Hye, em troca da aprovação da fusão de duas unidades da empresa. A companhia nega.

SEGURANÇA REAL VIA APLICATIVO

A sensação de insegurança levou a agência digital Hype, de Campinas, a desenvolver o aplicativo iOkay. No início de março, o sistema já contava com 50 mil downloads. Com investimento de R$ 1 milhão, o programa cria uma rede de segurança entre amigos e órgãos públicos. Por meio de três botões (Verde, Amarelo, Vermelho) é possível informar se o usuário do sistema está seguro, seja na rua, estrada ou festa. Ao acionar o botão Vermelho, um alerta de socorro é emitido para todos da rede, inclusive a polícia. "Não acredito que o iOkay seja a doença da modernidade, mas uma evolução da sensação de segurança", diz **Simone Rodrigues**, proprietária da agência digital. O aplicativo também faz um mapeamento de áreas de risco a partir de informações de Boletins de Ocorrência das Secretarias de Segurança dos Estados.

Novo
CMA Home Broker
A Vitrine de Investimentos mais Completa do Mercado

Novo CMA Home Broker: tudo sobre investimentos em uma só plataforma (conceito One Stop Shop)!

Visual moderno, robustez operacional, segurança absoluta e integração total com o back-office da instituição

Mais Informações:
Tel.: (11) 3053-2712
www.cma.com.br
CMA

A RENDA DAS BILHETERIAS CHINESAS PODE SUPERAR A DOS EUA, PELA PRIMEIRA VEZ. POR ISSO, A INDÚSTRIA AMERICANA QUER CONQUISTAR A NOVA FRONTEIRA

Carlos Eduardo VALIM

DRAGÃO DOURADO: *cinemas chineses vão vender US$ 10,3 bilhões de ingressos, neste ano*

UM NEGÓCIO DA CHINA PARA HOLLYWOOD

No meio da cerimônia de entrega dos prêmios do Oscar, no domingo 27 de fevereiro, que culminou com a entrega do prêmio principal para o filme errado, uma piada do apresentador, Jimmy Kimmel, passou despercebida. Ao brincar com o ator Matt Damon, que produziu *Manchester à Beira-mar*, indicado a melhor filme, Kimmel disse que a estrela de Hollywood era tão bondosa que colocou um amigo seu no projeto, Casey Affleck – que acabou premiado como melhor ator pelo papel –, enquanto atuava num grande fracasso de bilheteria nos EUA. O que Kimmel não considerou é que a obra estrelada por Damon não tinha como objetivo principal fazer sucesso no país.

O filme, chamado *A Grande Muralha*, é a maior tentativa de Hollywood para conquistar os corações e mentes do público chinês. Distribuído pela Universal, trata-se da primeira superprodução americana filmada inteiramente na China. O filme estreou no Brasil, na quinta-feira 23, na mesma semana da entrega do Oscar, com uma presença em 828 salas, das quais 561 em 3D. Quem passou perto de um cinema nos shopping centers brasileiros nos últimos dias certamente foi exposto ao grande material de propaganda do filme. A produção, que custou US$ 150 milhões, arrecadou até agora apenas US$ 37 milhões nos EUA. Mas, no exterior, já rendeu US$ 266 milhões, conseguindo uma rara relação de 88% a 12% a favor da receita externa.

Alguns filmes, como *Gravidade*, *A Chegada* e *Rogue One*, incluíram elementos e personagens chineses em seus roteiros para turbinar o interesse do público asiático, mas nada foi tentado nessa escala. Mais que um filme, o projeto é um movimento estratégico para o futuro de Hollywood. O ano de 2017 ficará marcado como o de uma grande virada na história do cinema. As bilheterias chinesas devem arrecadar US$ 10,3 bilhões, em 2017, frente a US$ 10,1 bilhões nos EUA, tirando a liderança americana do setor pela primeira vez, segundo a consultoria PwC. **Enquanto a renda americana permanece estável, as receitas na China com a sétima arte crescem fortemente, desde um patamar de US$ 2 bilhões, em 2011. Estima-se que foram abertas 15 salas de cinema por dia no país, em 2016.** O país também produziu 940 filmes, no ano passado, um recorde para a indústria local. Para não perder o domínio global, Hollywood precisará do público chinês. "A tecnologia joga a favor da internacionalização", diz Lia Bahia, professora e pesquisadora do curso de Cinema e Audiovisual da ESPM Rio. "Antigamente, as cópias em película dos filmes passavam primeiro nos EUA e depois eram mostradas de país em país. Hoje, o filme é transmitido digitalmente, por um HD que libera o sinal ou enviado por satélite." Mas haverá obstáculos políticos. O governo impõe censura de temas e cota para apenas 34 produções americanas por ano. Para atuar na China, também ajuda fazer parcerias locais. O maior financiador de *A Grande Muralha* foi o estúdio Legendary Pictures, adquirido em 2016 pelo Wanda Group. O grupo chinês é a maior incorporadora do planeta e constrói três parques temáticos na China, barrando a chegada da Disney. Além disso, desde 2012, quando comprou a AMC Theatres, passou a contar com a maior cadeia de salas de projeção dos EUA e do mundo, com mais de 1,3 mil cinemas.

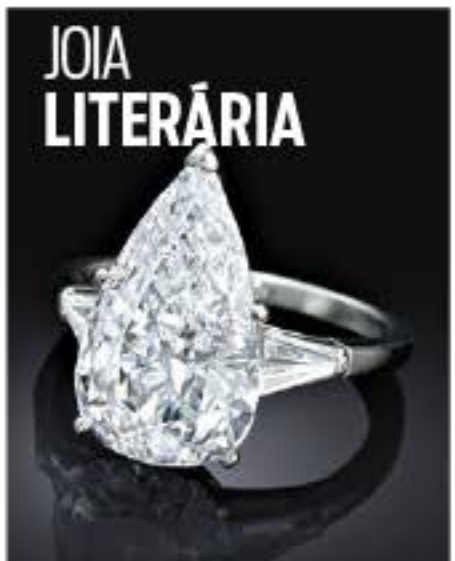
FOTOS: YI CHANG | DIVULGAÇÃO

POR ANDRÉ JANKAVSKI

UM CARRO, 800 CAVALOS. **VAI ENCARAR?**

Se o teu vizinho está se achando o próprio Speed Racer só porque tem um Aston Martin DB11, com motor V12 de 600 cv de potência, espere até ele ver a sua próxima Ferrari. A montadora italiana irá apresentar neste mês, no salão de Genebra, seu novo foguete vermelho: a Ferrari 812 Superfast. A nova berlineta tem motor dianteiro V12 de 6,5 litros e produz 800 cavalos de potência em uma simples acelerada. Promete alcançar 100 km/h em 2,9 segundos. Isso significa que ela será 0,2 segundo mais rápida que o modelo anterior, o F12 Berlinetta. A velocidade máxima da 812 Superfast será de 340 km/h. Trata-se do modelo de rua mais potente e veloz que a Casa de Maranello já produziu. Para conseguir conduzir tamanha potência, o ferrarista terá direção elétrica, algo inédito para carros da montadora. O valor e a data de lançamento ainda não foram divulgados.

JOIA **LITERÁRIA**



A americana Jackie Collins (1937-2015) é uma das mais bem-sucedidas escritoras contemporâneas. Com cerca de 500 milhões de obras vendidas em 40 países, grande parte delas com conteúdo erótico, Collins fez fortuna. Após a sua morte, como uma forma de retribuir o carinho dos fãs, a família da autora fará um leilão com alguns dos objetos adorados por ela. Entre as opções, estão diversas joias. A peça mais valiosa será um anel com um grande diamante de 6,04 quilates, avaliado em US$ 150 mil. O leilão deve ocorrer em maio.

BACON **LEGÍTIMO**

Algumas obras do irlandês Francis Bacon (1909-1992) entraram no hall das pinturas mais caras da história. Em 2013, o quadro "Três estudos de Lucian Freud" foi arrematado por US$ 142 milhões. Em maio, a Christie's baterá o martelo para outro trabalho dele: **"Três estudos de um retrato de George Dyer"**. A obra de três telas está avaliada entre US$ 50 milhões e US$ 70 milhões. Se o valor for ainda mais alto, pode ser um sinal de que a economia mundial está melhorando - ou o risco Trump anda assustando os milionários e encarecendo os ativos reais.

PARCERIA **NAS ÁGUAS**

A parceria feita entre as empresas Mercedes AMG e Cigarette Racing, iniciada em 2007, traz outra novidade para os oceanos. Para homenagear os 50 anos da divisão de alta performance da montadora alemã, as companhias criaram o 50 Marauder AMG. A lancha é inspirada no recém-lançado AMG GT R, o Green Hell, e chega aos mares com 3100 cavalos de potência. A velocidade máxima é de 195 km/h. As cores da máquina também remetem ao "verdão infernal" das ruas. O preço não foi revelado.

ÓCULOS SOCIAIS

A rede social Snapchat começou a vender óculos com câmeras embutidas. Batizados de Spectacles, eles prometem mudar a forma como os usuários se relacionam com a rede, que virou febre entre adolescentes e jovens adultos por conta de seus vídeos de curta duração que desaparecem em instantes. Os óculos têm conexão por Bluetooth e capacidade de enviar ao celular até 10 segundos de vídeos. As lentes têm o efeito "olho de peixe", similar ao visto nas câmeras GoPro. As vendas, por enquanto, estão ocorrendo apenas nos EUA, e os óculos custam US$ 130.

FOTOS: DIVULGAÇÃO | PICASA

Investidor Dinheiro

Um robô para chamar de seu

Antes restritos a gestores de fundos de hedge, algoritmos de alocação de investimentos chegam às pessoas físicas

Flavia GALEMBECK

Felipe Sotto-Maior não foi o típico aluno da tradicional Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo (USP). Ele descobriu, nas arcadas da São Francisco, que sua vocação era gerir dinheiro. Sotto-Maior montou um clube de investimentos com os colegas e amealhou R$ 1 milhão. Em 2006, o tradicional Centro Acadêmico 11 de Agosto perdeu uma fonte de receita com a implantação da Lei Cidade Limpa, e Sotto-Maior estruturou um fundo de investimentos que garantisse recursos à organização. Tempos depois, ele foi convidado pela Escola Politécnica da USP para repetir o feito.

NO REINO DOS ALGORITMOS: *Felipe Sotto-Maior, da Vérios e Luciano Tavares (abaixo) da Magnetis, a primeira a apostar no robô advisory*

O QUARTETO: *À frente da gaúcha Warren estão os irmãos Tito e André Gusmão, Rodrigo Grundig e o investidor e ex-fundador da XP Investimentos, Marcelo Maisonnave (da esq. para a dir.)*

Das duas iniciativas nasceu o site Comparação de Fundos. Foi o embrião da gestora de investimentos Vérios, uma *fintech* criada por ele no final de 2015. A proposta é ajudar o investidor a diversificar as aplicações financeiras usando robôs, os algoritmos que acompanham os movimentos de mercado e calculam a melhor alocação de recursos. Antes disponíveis apenas para os clientes dos *private banks*, os robôs agora são acessíveis a investidores menos endinheirados. Na Vérios, a aplicação mínima é de R$ 12 mil, embora a *fintech* esteja testando um aporte inicial de R$ 5 mil.

Sotto-Maior não está sozinho nesse mercado. A pioneira foi a Magnetis, fundada em março de 2015 por Luciano Tavares, ex-gestor da Nest Investimentos. No lançamento, a empresa exigia R$ 25 mil de aporte inicial, mas essa cifra caiu para R$ 15 mil. Na média, a tarifa é de 0,76% ao ano. Isso inclui os 0,40% cobrados pela Magnetis e as taxas de custódia das ações e de administração dos fundos que, somadas, podem chegar a 1%. Ao se cadastrar e preencher um questionário, o cliente abre uma conta na distribuidora de valores Easynvest, parceira da *fintech*. "Nós alocamos os recursos, mas eles não passam por nós", diz Tavares. Ele não divulga quanto administra, mas afirma que a aplicação média por cliente é de R$ 150 mil e que 30 mil interessados fazem simulações no sistema todos os dias. "Nossa meta é administrar R$ 1 bilhão até 2019." Tavares tem alguns pesos-pesados do mercado como sócios. Os fundos de *venture capital* 500 Startups, Monashees e Red Point, e o investidor Guilherme Horn, fundador da corretora Ágora (que foi vendida ao Bradesco por R$ 1 bilhão), investiram R$ 3,2 milhões na *fintech*. "Imaginamos que 12 milhões de brasileiros tenham entre R$ 15 mil e R$ 500 mil para investir", diz Tavares. "Isso é um montante de R$ 600 bilhões e queremos uma fatia desse negócio." Os investimentos incluem CDBs, fundos DI, multimercados e ETFs e Letras de Crédito Agrícola e Imobiliário (LCA e LCI).

Em outubro do ano passado surgiu a caçula da turma, a gaúcha Warren. Fundada pelos irmãos Tito e André Gusmão e por Rodrigo Grundig, ela tem como investidor Marcelo Maisonnave, um dos fundadores da XP Investimentos. Segundo Tito Gusmão, a Warren tem 30 mil clientes na lista de espera, cinco mil cadastrados e mais de mil ativos. "A indústria de investimentos é cheia de conflitos de interesse, pois muitas distribuidoras recebem comissões de fundos e os bancos nem sempre indicam a melhor solução para os clientes", diz ele. "Queremos mudar isso com uma plataforma fácil de

FOTOS: FELIPE GABRIEL | DIVULGAÇÃO

usar." A Warren cobra 0,80% dos recursos ao ano – já incluindo a taxa de administração dos fundos – e o investimento mínimo é de R$ 100. Para os gaúchos, o ticket ideal gira em torno de R$ 3 mil.

A Warren – cujo nome homenageia o bilionário americano Warren Buffett – oferece oito tipos de carteiras. As alocações variam desde as que oferecem apenas ativos de renda fixa, indicadas para perfis mais conservadores, até as que combinam fundos multimercados, ETFs de índices no Brasil e no exterior, e fundos de ações. **Os algoritmos definem os percentuais de cada ativo financeiro de acordo com os objetivos, recursos e perfil do cliente, com base num questionário que o investidor preenche no site da empresa.** Em três meses, o fundo mais diversificado da Warren, que foi aberto em outubro e combina investimentos em títulos públicos e em três ETFs, rendeu 4,87%.

12 MILHÕES
de investidores. É a projeção do tamanho deste mercado

Já na Vérios o investimento inicial caiu de R$ 50 mil para R$ 12 mil em setembro de 2016. Entre as aplicações, títulos do tesouro direto e ETFs. "Estamos estudando incluir fundos imobiliários, LCAs e LCIs no portfólio para os investidores que buscam mais risco", diz Sotto-Maior. "Mesmo em nossa carteira mais agressiva, o risco é moderado." A remuneração varia entre 0,20% e 0,55%, de forma que o custo total, que inclui as taxas de administração dos fundos e de custódia, não ultrapasse 0,95% ao ano. Lá, uma equipe de 11 pessoas administra cerca de R$ 100 milhões em recursos. A *fintech* possui parceria com a distribuidora Rico, que desde agosto de 2016 também oferece seu próprio robô consultor, chamado de Alkanza. Lá, os cerca de 650 clientes ativos podem ter seus recursos aplicados (a partir de R$ 5 mil) em títulos do tesouro direto e fundos ETFS. A taxa de administração é de 0,50% sobre o valor investido e os clientes pagam também as taxas de custódia dos ativos. O Alkanza que se prepare, pois as carteiras ficarão ainda mais complexas. "Estudamos incluir fundos de renda fixa e de renda variável", afirma Mônica Saccarelli, sócia da Rico Investimentos.

POR CLÁUDIO GRADILONE E FLAVIA GALEMBECK

DESTAQUE NO PREGÃO

AES QUER SAIR DA DISTRIBUIÇÃO DE ENERGIA NO BRASIL

O resultado da AES Eletropaulo melhorou em 2016. O prejuízo caiu para R$ 228,5 milhões, ante os R$ 313,9 milhões em 2015. Mesmo assim, a matriz americana quer sair do Brasil. O relatório de resultados, divulgado na segunda-feira 27, quando o mercado brasileiro estava fechado, indica que a Eletropaulo será colocada à venda. "Como parte da mudança estratégica para reduzir a exposição da AES ao negócio de distribuição brasileiro, a expectativa supõe um desinvestimento da Eletropaulo até 2020", informou a AES em comunicado ao mercado americano. No quarto trimestre, a Eletropaulo teve prejuízo de R$ 91,8 milhões, ante um desempenho negativo de R$ 40,7 milhões no último trimestre de 2015. Boa parte desse prejuízo no trimestre deveu-se à variação cambial de Itaipu e à atualização dos ativos financeiros setoriais. No Brasil, a AES atua com distribuição (AES Eletropaulo), e geração de energia hidrelétrica (AES Tietê) e termelétrica (AES Uruguaiana). No dia 23 de fevereiro, a empresa iniciou sua migração para o Novo Mercado. No ano, as ações sobem 13,7%.

PALAVRA DO ANALISTA:
Com recomendação neutra, por ser uma ação de alto risco, os analistas da Citi Corretora destacam que, apesar das várias iniciativas para melhorar a lucratividade, eles mantêm uma postura cautelosa pela contração do volume de vendas e dos riscos de excesso de oferta.

VAREJO

Números amargos no Pão de Açúcar

Em seu sétimo trimestre consecutivo no vermelho, o Grupo Pão de Açúcar (GPA) reduziu seu prejuízo líquido para R$ 29 milhões, no último trimestre de 2016. Em igual intervalo de 2015, as perdas somaram R$ 384 milhões. No ano passado, o grupo teve prejuízo líquido de R$ 1,077 bilhão, alta de 290% sobre os R$ 276 milhões de 2015. Crescimento só na bandeira Assaí, que teve lucro 56,9% maior no quarto trimestre, de R$ 146 milhões. No ano, as ações da companhia sobem 5,3%.

TERMÔMETRO DO MERCADO

O IBOVESPA EM UM ANO *	PONTOS
Ibovespa	65.854
Máxima	69.052
Mínima	47.130

Fonte: Economática * 03/03/2017

IBOVESPA em milhares de pontos

*Até 02/03/2017

ALIMENTAÇÃO

Depois de prejuízo, BRF vai mudar sua gestão

O prejuízo líquido de R$ 460 milhões no quarto trimestre, puxado por custos mais elevados de matérias-primas, forçou a cúpula da BRF a ajustar sua gestão. Em 2015, no mesmo intervalo, a empresa lucrou R$ 1,415 bilhão. "Não queremos ficar à mercê dos ciclos", afirmou o presidente do conselho de administração da BRF, Abilio Diniz. A companhia vai criar um comitê de gestão para melhorar a ligação entre a produção e o consumidor.

TOURO X URSO

Em uma semana mais curta por conta do Carnaval, o ritmo da bolsa brasileira foi ditado por acontecimentos externos. Entre eles, os dados da produção industrial da China, em seu sétimo mês seguido de alta, e os investimentos trilionários em infraestrutura a serem anunciados pelo presidente americano Donald Trump, que contribuíram para a alta do minério de ferro e do aço.

DESEMPENHO DAS EMPRESAS POR SETOR DE ATIVIDADE

MELHOR DESEMPENHO	% 30 DIAS	% 12 MESES
Siderúrgico	-1,74	280,68
Mineração	0,53	224,94
Petróleo e Gás	-3,91	198,16
Energia e Saneamento	4,54	123,13
Financeiro	7,11	114,14

PIOR DESEMPENHO	% 30 DIAS	% 12 MESES
Telecomunicações	-22,85	-39,80
Papel e Celulose	-4,62	-18,85
Industrial	0,77	7,75
Imobiliário e Construção	-2,21	9,65
Petroquímico	-3,52	21,11

Fonte: Austin Rating de 17/02 a 23/02

FOTOS: SHUTTERSTOCK | FABIANO CERCHIARI | FELIPE GABRIEL | BLOOMBERG

PAPÉIS AVULSOS

Marfrig reduz perdas e dívida cai em 2016

A companhia de alimentos Marfrig, comandada por Martin Secco Arias, encerrou o quarto trimestre com prejuízo de R$ 270,7 milhões, cifra que cresceu 38,8% em comparação com os R$ 194,9 milhões de 2015. No acumulado do ano, o resultado foi negativo em R$ 726 milhões, redução de 49% sobre o prejuízo de R$ 1,424 bilhão de 2015. Apesar do exercício ainda no vermelho, a companhia reduziu em 4% sua dívida bruta, do terceiro para o quarto trimestre, encerrando o ano com dívida de US$ 3,4 bilhões. Para o time de analistas do BTG Pactual, há um limitado potencial de geração de caixa livre pela Marfrig, no curto e no médio prazo, mas a alavancagem líquida da companhia deve ser reduzida. A relação entre a dívida líquida X Ebitda, atualmente em 3,7 vezes, deve cair para 3 vezes ao fim de 2017.

RAIO X
MARFRIG ON (MRFG3)

Cotação*	R$ 6,29
Preço máximo (52 semanas):	R$ 7,48
Preço mínimo (52 semanas):	R$ 4,89
Oscilação no mês:	0,69%
Oscilação no ano:	-4,89%
Oscilação em 2016:	4,19%
Volatilidade (21 dias):	33,57%

Fonte Economática *02/03/2017

MINERAÇÃO

Murilo diz ao povo que sai da Vale

O contrato de Murilo Ferreira, presidente da Vale, expira em 26 de maio e não será renovado, divulgou a mineradora na sexta-feira 24. Apesar de os nomes não serem oficialmente confirmados pela mineradora ou pelos principais acionistas da companhia, estão cotados ao cargo Luciano Siani, diretor-financeiro da Vale, Peter Poppinga, diretor de ferrosos, e Clovis Torres, vice-presidente de recursos humanos. Ex-executivos da mineradora também estão no páreo, como Nelson Silva, atualmente diretor de estratégia da Petrobras; José Carlos Martins, hoje conselheiro da NovaAgri; e Tito Martins, que preside a Votorantim Metais.

AS 10 MAIS NEGOCIADAS DO IBOVESPA

Ação	Cotação (R$)*	% mês	% ano	% 12 M	% Índice
Itaú Unibanco PN	39,54	-1,2	19,2	68,2	11,338
Bradesco PN	33	-1,2	14	69,9	7,944
Petrobras PN	15,11	-0,5	1,6	167,4	5,638
Vale PNA	30,33	-3,7	29,9	205,6	5,579
Vale ON	31,46	-3,9	22,5	122,5	4,385
Petrobras ON	15,85	-0,7	-6,4	95,7	4,004
Brasil ON	33,26	0,6	18,5	135,8	3,704
Itaúsa PN	9,87	-1,5	22,1	62,2	3,472
BM&FBovespa ON	18,7	-1,7	13,3	53,7	3,061
Gerdau PN	13,07	0,9	21	250,1	1,026

Fonte: Economática * 02/03/2017

MAIORES ALTAS DA SEMANA*

Ação	Setor	%
IGB S/A	Industrial	98,57
BANRISUL	Financeiro	40,56
WLM IND COM	Petróleo	35,20
MAGAZ LUIZA	Varejo	25,39
BANESE	Financeiro	25,21

MAIORES BAIXAS DA SEMANA*

Ação	Setor	%
COBRASMA	Industrial	-60,00
ROSSI RESID	Imobiliário	-24,87
KARSTEN	Varejo	-15,43
MARFRIG	Varejo	-12,71
CREMER	Saúde	-12,51

Fonte: Austin Rating * de 17/02 a 23/02

BOLSAS NO MUNDO

23/02/2017

			COTAÇÃO (MOEDA LOCAL)			VARIAÇÃO (US$)	
Mercado	Índice	Pontos	% mês	% ano	% 12 m.	% mês	% ano
Brasil	Ibovespa	67.461	4,32%	12,01%	60,30%	2,21%	5,30%
Brasil	IBrX	27.769	4,49%	12,03%	57,42%	2,38%	5,31%
EUA	Dow Jones	20.776	4,59%	5,13%	26,03%	4,59%	5,13%
EUA	Nasdaq	5.861	4,38%	8,87%	29,01%	4,38%	8,87%
Japão	Nikkei	19.371	1,73%	1,35%	21,71%	2,02%	-2,24%
China	CSI 300	3.473	2,52%	4,93%	11,70%	2,77%	6,11%
Alemanha	DAX 30	11.948	3,58%	4,07%	30,32%	5,56%	3,64%
França	CAC 40	4.891	3,00%	0,60%	17,71%	4,97%	0,19%
Reino Unido	UKX	7.271	2,43%	1,80%	23,93%	2,34%	0,45%

Fonte: Austin Rating

MERCADO EM NÚMEROS

ENGIE DO BRASIL

R$ 1,548 bilhão

É o quanto a produtora de energia elétrica destinará aos seus acionistas, o que equivale a 100% de seu lucro líquido em 2016, ou R$ 2,37 por ação

VIA VAREJO

R$ 750 milhões

Foi o prejuízo acumulado pela companhia, que controla as marcas PontoFrio e Casas Bahia, no ano passado

SUZANO

R$ 540 milhões

É o investimento que a fabricante destinará às unidades Mucuri e Imperatriz – cifra 21,29% maior que a previsão anterior -, e que dobrará sua produção de lenços de papéis para 120 milhões de toneladas

RANDON

R$ 158,1 milhões

Foi a receita líquida consolidada da fabricante de implementos rodoviários em janeiro. O número é 31,8% menor em comparação com janeiro de 2016

ENERGIA

R$ 186,18

É o preço do megawatt-hora da energia spot na região Sudeste. O preço no mercado livre acumula alta de até 39%, em todas as regiões, com exceção da Norte, diante de volumes menores de chuva

DinheiroemNúmeros

POR CLÁUDIO GRADILONE E FLAVIA GALEMBECK

COMENTÁRIOS

GESTORA DA MONGERAL SUPERA META DE CAPTAÇÃO

A Mongeral Aegon Investimentos, empresa de gestão de recursos ligada à seguradora Mongeral Aegon, encerrou 2016 com R$ 2,2 bilhões, um crescimento de 30% nos ativos sob gestão. "O aumento da captação de recursos de terceiros nos fez superar as metas, nossa previsão no início de 2016 era fechar o ano com R$ 2 bilhões", diz Cláudio Pires, diretor de investimentos. A projeção é captar R$ 800 milhões neste ano, sendo R$ 600 milhões de recursos de terceiros.

KAPITALO LUCRA COM VISÃO OTIMISTA

O fundo multimercado multiestratégia Kapitalo Zeta Máster, da gestora Kapitalo Investimentos, rendeu 37,21% em 12 meses até janeiro, e 5,12% no primeiro mês de 2017. O gestor Nuno Sampaio diz estar otimista. O fundo aposta na valorização do real frente a outras moedas latino-americanas, e concentra 75% dos recursos em juros e moedas. Os 25% restantes ficam em ações de empresas estatais e fundos de índices. O horizonte para novas alocações é trimestral. A aplicação mínima é de R$ 100 mil e a taxa de administração é 2% ao ano.

MOODY'S MELHORA AVALIAÇÃO DA ICATU VANGUARDA

A empresa de classificação de risco Moody's América Latina melhorou a avaliação de qualidade da gestora Icatu Vanguarda para MQ1. Segundo a Moody's, essa nota indica que a gestora de recursos tem características de gestão excelentes.

FUNDOS DE INVESTIMENTO MAIS RENTÁVEIS

RENDA FIXA	% MÊS*	% ANO	% 12 MESES	%CDI MÊS	%CDI ANO	%CDI 12 MESES	TX. ADM. (%ANO)	APLIC. MIN. (R$ MILHARES)	PL (R$ MILHÕES)
ICATU VANGUARDA INFLAÇÃO LONGA FI	3,99%	6,33%	35,63%	551,94%	348,45%	253,09%	0,25%	5.000	268,6
JPM BRASIL IMA-B 5+ FIC	4,12%	6,55%	35,60%	568,82%	360,89%	252,87%	0,30%	10	48,5
ITAÚ IMA-B 5+ FIC	3,93%	6,20%	34,75%	543,31%	341,59%	246,88%	0,40%	5	77,0
BANESTES INSTITUCIONAL FI	3,26%	5,37%	29,21%	451,07%	295,48%	207,50%	0,20%	50	140,3
VOTORANTIM IRF-M1+ FIC	1,94%	4,58%	27,82%	268,19%	252,11%	197,63%	0,35%	10	39,6
SULAMÉRICA INFLATIE FI	2,84%	4,73%	27,15%	392,03%	260,49%	192,84%	0,40%	5	3617

REFERENCIADO DI	% MÊS*	% ANO	% 12 MESES	%CDI MÊS	%CDI ANO	%CDI 12 MESES	TX. ADM. (% ANO)	APLIC. MIN. (R$ MILHARES)	PL (R$ MILHÕES)
BNP PARIBAS MATCH FI	0,72%	1,84%	14,29%	99,90%	101,52%	101,54%	0,35%	50	4.330,8
CAIXA TOP FIC	0,74%	1,82%	14,16%	101,63%	100,32%	100,57%	0,15%	3.000	1878,6
ITAÚ PRIVATE VÉRTICE FIC	0,73%	1,82%	14,15%	100,29%	100,40%	100,54%	0,15%	NE	188,8
WESTERN ASSET PRIVATE FIC	0,71%	1,80%	13,98%	98,20%	99,10%	99,31%	0,50%	NE	258,2
SULAMÉRICA EXCLUSIVE FI	0,72%	1,79%	13,89%	98,85%	98,53%	98,65%	0,15%	50	508,5
BRADESCO CORPORATE FEDERAL FIC	0,71%	1,78%	13,72%	98,43%	98,27%	97,47%	0,15%	1.000	1.353,2

AÇÕES	% MÊS*	% ANO	% 12 MESES	S/IBOV. MÊS	S/IBOV. ANO	S/IBOV. 12 MESES	TX. ADM. (% ANO)	APLIC. MIN. (R$ MILHARES)	PL (R$ MILHÕES)
BB SIDERURGIA FIC	8,72%	23,05%	183,71%	1.205,28%	1.268,97%	1.305,03%	1,00%	NE	38,2
ALFA FI	13,97%	46,50%	119,75%	1.930,39%	2.560,42%	850,68%	0,80%	1	21,8
BLACKROCK INSTITUCIONAL IBOVESPA FI	7,18%	14,87%	66,50%	992,51%	818,55%	472,39%	0,02%	250	513
BRADESCO DIVIDENDOS FI	9,31%	20,70%	64,63%	1.286,19%	1.139,77%	459,12%	1,50%	20	344,5
ARX INCOME FI	6,59%	15,22%	61,71%	910,22%	838,13%	438,38%	3,00%	20	119,9
BOZANO FUNDAMENTAL FI	6,17%	11,54%	61,29%	852,53%	635,21%	435,35%	2,00%	25	64,6

MULTIMERCADOS MULTIESTRATÉGIA	% MÊS*	% ANO	% 12 MESES	%CDI MÊS	%CDI ANO	%CDI 12 MESES	TX. ADM. (%ANO)	APLIC. MIN. (R$ MILHARES)	PL (R$ MILHÕES)
BRASIL PLURAL SPECIAL SITUATIONS FI	-1,77%	-3,30%	185,65%	-244,62%	-181,45%	1.318,76%	2,00%	1.000	40,3
XP LONG BIASED FIC	3,67%	11,67%	82,58%	507,61%	642,45%	586,61%	2,00%	10	127,1
KAPITALO APOLLO FIC	4,70%	10,74%	44,79%	649,36%	591,09%	318,16%	0,05%	NE	58,9
NAUÃ IPCA HEDGE II FIC	3,93%	7,34%	35,49%	542,52%	404,07%	252,10%	1,50%	5	99,0
CAPITÂNIA REIT FIC	2,64%	6,33%	34,64%	364,88%	348,58%	246,08%	0,55%	25	79,6
ARX EXTRA FIC	2,40%	7,41%	32,49%	332,24%	408,03%	230,76%	2,00%	20	653,2

MULTIMERCADOS MACRO	% MÊS*	% ANO	% 12 MESES	%CDI MÊS	%CDI ANO	%CDI 12 MESES	TX. ADM. (% ANO)	APLIC. MIN. (R$ MILHARES)	PL (R$ MILHÕES)
SPARTA CÍCLICO FI	3,17%	6,96%	42,83%	438,35%	383,35%	304,25%	4,00%	5	67,4
ALASKA RANGE FI	4,68%	9,54%	40,03%	647,04%	525,16%	284,35%	2,00%	5	85,2
ITAÚ PRIVATE HEDGE PLUS FIC	1,92%	4,74%	34,73%	264,65%	260,71%	246,73%	2,00%	1.000	220,6
BB MACRO ESTILO FIC	0,26%	1,33%	30,76%	36,20%	73,09%	218,52%	1,00%	0	61,6
VENTOR IMA-B HEDGE FI	4,75%	6,56%	27,68%	656,74%	361,20%	196,66%	2,00%	50	81,6
PAINEIRAS HEDGE FIC	2,74%	7,81%	27,62%	377,96%	429,93%	196,22%	1,90%	300	463,9

MULTIMERCADOS JUROS E MOEDAS	% MÊS*	% ANO	% 12 MESES	%CDI MÊS	%CDI ANO	%CDI 12 MESES	TX. ADM. (% ANO)	APLIC. MIN. (R$ MILHARES)	PL (R$ MILHÕES)
BTG PACTUAL EXPLORER FI	0,81%	2,43%	17,11%	111,72%	133,60%	121,52%	1,75%	5	212,1
JPM MULTISTRATEGY RATES FX CLASSE A FIC	1,02%	2,21%	16,94%	140,46%	121,81%	120,35%	1,00%	10	117,9
SULAMÉRICA MOEDAS FI	1,02%	2,43%	15,92%	140,30%	133,88%	113,07%	1,00%	5	35,4
ITAÚ UNICLASS FIX PLUS FIC	0,78%	1,99%	15,75%	107,95%	109,53%	111,91%	1,00%	100	187,7
SANTANDER PERFORMANCE TOP FI	0,87%	2,26%	15,72%	120,67%	124,50%	111,65%	0,10%	20.000	1.607,4
CAPITAL PERFORMANCE FIX FIC	0,78%	1,99%	15,61%	107,98%	109,60%	110,86%	1,00%	50	1.488,4

MULTIMERCADOS ESTRATÉGIA ESPECÍFICA	% MÊS*	% ANO	% 12 MESES	%CDI MÊS	%CDI ANO	%CDI 12 MESES	TX. ADM. (% ANO)	APLIC. MIN. (R$ MILHARES)	PL (R$ MILHÕES)
PACÍFICO LB FIC	4,26%	10,01%	52,70%	588,22%	550,89%	374,39%	1,93%	50	88,6
OCEANA LONG BIASED FIC	4,18%	8,51%	47,40%	578,11%	468,44%	336,71%	2,00%	50	39,6
VIVA RIO FIC	3,98%	8,17%	46,10%	549,94%	449,71%	327,50%	2,00%	500	39,6
SAFRA S&P REAIS PB FI	4,81%	7,00%	40,14%	664,50%	385,64%	285,13%	1,00%	1.000	68,9
INVESTCENTER JGP EQUITY FIC	4,09%	11,64%	40,05%	564,61%	641,01%	284,46%	2,50%	200	49,8
WESTERN ASSET US INDEX 500 FI	4,64%	6,77%	39,51%	641,31%	372,77%	280,65%	1,00%	25	139,3

*NE = o fundo não exige
Dados fornecidos pela TAG Investimentos. www.tagInvest.com.br

TAG INVESTIMENTO

Fontes: TAG / Anbima / Quantum Axis
OBS.: Valores atualizados até 21/02/2017, referente ao período de 22/02/2016 até 21/02/2017. Leia a advertência sobre riscos em www.istoedinheiro.com.br.

INDICADORES ECONÔMICOS

CRESCIMENTO (FONTE: BANCO CENTRAL)	3º TRI/16	2º TRI/16	1º TRI/16	4º TRI/15	2015
PIB (DESSAZONALIZADO)	-0,83%	-0,44%	-0,46%	-1,15%	-3,8%
PIB EM US$ BILHÕES *	1.707,87	1.655,11	1.659,81	1.774,57	1.746
ATIVIDADE **	**DEZ/16**	**NOV/16**	**OUT/16**	**SET/16**	**NO ANO**
PRODUÇÃO INDUSTRIAL (IBGE)	-0,1%	-1,1%	-7,3%	-4,6%	-6,6%
VOLUME DE VENDAS NO VAREJO (IBGE)	-4,9%	-3,5%	-8,1%	-5,7%	-6,2%
TAXA DE DESEMPREGO - PNAD CONTÍNUA (IBGE)	12,0%	11,9%	11,8%	11,8%	11,5%
UTILIZAÇÃO DA CAPACIDADE INSTALADA (CNI) - DESSAZ.	-	77,5%	77,6%	77,6%	-
INADIMPLÊNCIA ***	**DEZ/16**	**NOV/16**	**OUT/16**	**SET/16**	**MÉDIA EM 2016**
PESSOA FÍSICA ATÉ 90 DIAS	4,80%	5,30%	5,70%	5,70%	5,50%
PESSOA F. ACIMA DE 90 DIAS	6,00%	6,10%	6,20%	6,20%	6,20%
PESSOA JURÍDICA ATÉ 90 DIAS	3,70%	3,70%	4,00%	3,70%	3,90%
PESSOA J. ACIMA DE 90 DIAS	5,20%	5,40%	5,60%	5,50%	5,20%
CONTAS PÚBLICAS (% PIB)* (A)	**DEZ/16 A JAN/16**	**NOV/16 A DEZ/15**	**OUT/16 A NOV/15**	**SET/16 A OUT/15**	**AGO/16 A SET/15**
RESULTADO NOMINAL	8,93%	9,28%	8,73%	9,32%	9,51%
RESULTADO PRIMÁRIO	2,47%	2,50%	2,20%	3,04%	2,74%
	DEZ/16	**NOV/16**	**OUT/16**	**2016**	**2015**
DÍVIDA LÍQUIDA DO SETOR PÚBLICO (SEM PETROBRAS)	45,91%	43,79%	43,70%	45,91%	35,61%
DÍVIDA LÍQUIDA INTERNA	61,21%	59,85%	58,94%	61,21%	54,81%
DÍVIDA LÍQUIDA EXTERNA	-15,30%	-16,07%	-15,24%	-15,30%	-19,20%
CONTAS EXTERNAS (US$ MILHÕES)	**JAN/17**	**DEZ/16**	**NOV/16**	**OUT/16**	**NO ANO**
INVESTIMENTO DIRETO ESTRANGEIRO	11.528	15.409	8.593	8.400	11.528
EXPORTAÇÕES	14.911	15.941	16.220	13.716	14.911
IMPORTAÇÕES	12.187	11.525	11.463	11.376	12.187
SALDO COMERCIAL	2.725	4.415	4.758	2.340	2.725
SALDO EM TRANSAÇÕES CORRENTES	-5.085	-5.882	-718	-3335	-5.085
RESERVAS INTERNACIONAIS LÍQUIDAS	374.908	372.221	372.761	375.433	374.908
DÍVIDA EXTERNA TOTAL	316.669	323.714	333.799	335.361	316.669

* Acumulado nos últimos 12 meses.
** Em relação ao mesmo período do ano anterior, exceto utilização da capacidade instalada e taxa de desemprego.
*** Em proporção do volume de crédito concedido.
(a) Superávit = (-) e Déficit = (+), conforme notas do BACEN

PRINCIPAIS ÍNDICES

INFLAÇÃO	JAN/17	DEZ/16	NOV/16	NO ANO	12 MESES
IPC - FIPE	0,32%	0,72%	0,15%	0,32%	5,45%
IGP-M (FGV)	0,64%	0,54%	-0,03%	0,64%	6,65%
IGP-DI (FGV)	0,43%	0,83%	0,05%	0,43%	6,02%
IPCA (IBGE)	0,38%	0,30%	0,18%	0,38%	5,35%
IPCA - NÚCLEO MM SUAVIZADO	0,38%	0,37%	0,39%	0,38%	6,45%
JUROS/APLICAÇÃO (EM %)	**JAN/17**	**DEZ/16**	**NOV/16**	**NO ANO**	**12 MESES**
CDI	1,08%	1,12%	1,04%	1,08%	14,03%
TR	0,17%	0,18%	0,14%	0,17%	2,05%
POUPANÇA	0,67%	0,69%	0,64%	0,67%	8,35%
TJLP	0,60%	0,60%	0,60%	0,60%	7,50%
SWAP PREXDI (30 DIAS)	1,02%	1,06%	1,03%	1,02%	13,74%
CÂMBIO/PETRÓLEO		**17/02/2017**	**NO MÊS**	**NO ANO**	**12 MESES**
REAIS/US$ (COMERCIAL VENDA)		3,095	1,03%	5,30%	30,83%
US$/EURO		1,065	-1,36%	0,94%	-4,10%
IENE/US$		112,84	-0,49%	3,46%	0,07%
PETRÓLEO À VISTA BRENT (US$/BARRIL)		55,81	0,20%	-1,78%	60,88%
MERCADOS FUTUROS 17/01/2017		**MAR/17**	**JUN/17**	**SET/17**	**NOV/17**
CÂMBIO (R$/US$)		3,099	3,170	3,236	3,272
		MAR/17	**JUN/17**	**OUT/17**	**JAN/18**
DI 1 DIA (% A.A.)		12,62	11,78	10,95	10,57
		ABR/17	**JUN/17**	**AGO/17**	**DEZ/17**
IBOVESPA (PONTOS)		68.741	69.851	70.967	72.868
		MAR/17	**SET/17**	**DEZ/17**	**SET/18**
CAFÉ ARÁBICA (60KG - ICF)		172,50	185,10	190,15	190,00

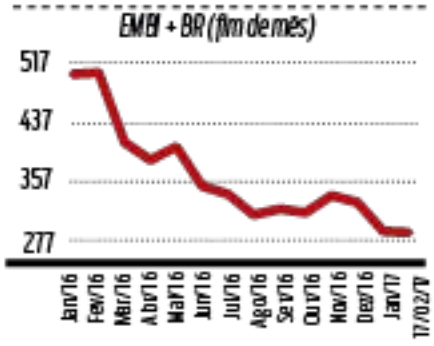
RENTABILIDADE DOS TÍTULOS PÚBLICOS (%)

* até 13/Fevereiro/17 (Inclui JS= Juros Semestrais)

TÍTULO	V ENC.	INDEXADOR	Últim. 30 dias	RENTABILIDADE BRUTA ano *	12 MESES
Tesouro Selic	07/03/2017	Selic	1,02%	1,72%	14,04%
Tesouro Prefixado (JS)	01/01/2021	Prefixado	1,58%	4,86%	39,14%
Tesouro IPCA + (JS)	15/05/2017	IPCA	0,60%	1,44%	11,72%
Tesouro IGPM + (JS)	01/07/2017	IGP-M	0,54%	1,74%	12,06%
Tesouro Prefixado	01/01/2018	Prefixado	1,09%	2,21%	18,49%

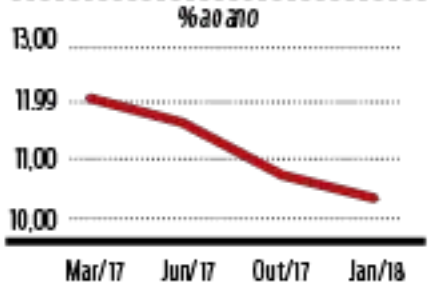
*** divulgação dos dados suspensa, devido a greve dos servidores

RISCO-PAÍS

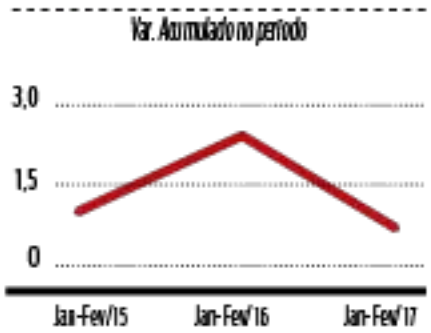


JUROS FUTUROS

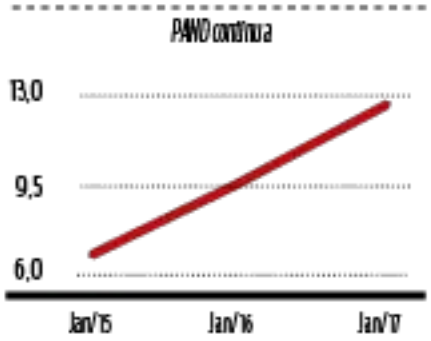
23/02/2017



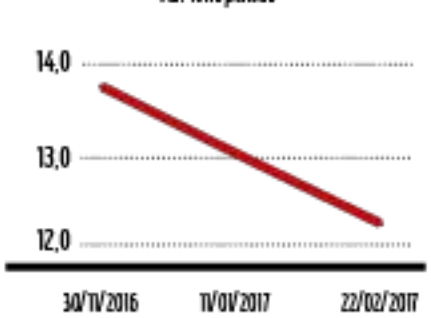
IGP-M



TAXA DE DESEMPREGO



TAXA DE JUROS - SELIC



NOTAS

SETOR PÚBLICO TEM SUPERÁVIT DE R$ 36,7 BILHÕES

As contas do setor público (União, Estados, municípios e empresas estatais) encerraram janeiro com um superávit de R$ 36,7 bilhões, alta de 31,5% em relação a janeiro de 2016. É o melhor desempenho para o mês desde 2011. O resultado foi impulsionado pelo pagamento de royalties do petróleo, de Contribuição Social sobre o Lucro Líquido das instituições financeiras e por uma arrecadação atípica de Imposto de Renda sobre ganhos de capital na venda de bens.

ESTOQUE DE CRÉDITO CAI 1% EM JANEIRO

Depois de dois meses consecutivos de crescimento, o estoque total de crédito no Brasil caiu 1% em janeiro, para a R$ 3,074 trilhões, informou o Banco Central, no dia 23 de fevereiro. No primeiro mês do ano, a inadimplência no segmento de recursos livres manteve-se em 5,7%, o mesmo patamar de dezembro. Já o spread bancário avançou 2 pontos, para 41,7%. Os juros médios foram a 52,8% em janeiro, sobre 51,6% em dezembro.

DESEMPREGO ATINGE 12,6% DOS BRASILEIROS

A taxa de desemprego do Brasil subiu para 12,6% no trimestre encerrado em janeiro, para cerca de 12,8 milhões de pessoas, segundo a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad) Contínua. No mesmo período até janeiro de 2016 a taxa era de 9,5%. Entre novembro e janeiro, a população empregada encolheu 1,9%, para 89,854 milhões de trabalhadores. Isso significa 1,748 milhão de novos desempregados. O setor que mais demitiu foi a indústria, que fechou 897 mil vagas.

Material elaborado pela empresa de análise de risco Austin Rating, www.austin.com.br

FOTOS: DIVULGAÇÃO | JINGABO

POR MÁRCIO KROEHN*

Notícias falsas ameaçam sua marca

O escritor e filósofo italiano Umberto Eco disse pouco antes de morrer em fevereiro de 2016, aos 84 anos, que as "redes sociais deram a palavra a uma legião de imbecis que antes só falavam numa mesa de bar depois de uma taça de vinho, sem causar qualquer prejuízo à comunidade. Eles eram silenciados rapidamente, mas agora têm o mesmo direito de falar que um Prêmio Nobel. É a invasão dos imbecis". Tão alarmante quanto as opiniões estapafúrdias é a velocidade com que um texto navega pela internet. Pior quando elas vêm fantasiadas de reportagem. O site BuzzFeed Brasil mostrou que as 10 notícias falsas sobre a Operação Lava Jato tiveram 1,2 milhão de engajamentos a mais no Facebook que as notícias verdadeiras, no ano passado.

A invenção ganha força com os compartilhamentos. Quanto mais, melhor. Sempre com o alerta de que o importante é repassar rapidamente, porque os "grandes veículos não vão ter coragem de noticiar". Nesse terreno, não há qualquer esforço pela confirmação da veracidade. E quem repassa, às vezes, se protege com um "não sei se é verdade, mas..." Dentro desse liquidificador de mentiras, sua empresa pode estar incentivando essa prática perversa.

As mentiras que circulam pela internet querem o dinheiro dos anúncios gerados automaticamente pelos cliques

Os criadores de falsas informações não se preocupam com credibilidade, apenas com os cliques que irão receber. É dessa maneira que são remunerados, pelos anúncios gerados automaticamente pelo Google. O mundo dos negócios não pode mais virar as costas para um problema tão grave e creditar a culpa ao robô. Essa muleta é a preguiça de quem quer colocar na planilha um número irreal de visualizações. Não é saudável permitir que uma marca fique num local que não agrega qualquer valor. Pior: só traz prejuízos à sociedade. Se os parasitas se alimentam de quem fornece comida, a internet é cheia de filtros capazes de estrangular a fonte de receita desses mal intencionados.

Numa edição recente, a *Folha de S.Paulo* dedicou o caderno Ilustríssima a mostrar o *modus operandi* de quem inventa uma notícia. É um material para ser lido e relido pelos departamentos de comunicação das empresas. Nele, o jornal usou o exemplo de Beto Silva, um conhecido criador de páginas "informativas" que tem como objetivo atrair milhares de cliques para conquistar anunciantes. Beto Silva não tem ideologia nem se importa de inventar sobre o político de direita ou de esquerda. Nesses tempos de ódio e intolerância, ele quer apenas entregar a notícia que o leitor torce, a seu jeito, para ser verdade: "Marisa fotografada na Itália. Morte de mulher de Lula é mentira"; "Pegou fogo no circo: Lava Jato pega FHC e o próximo pode ser Aécio Neves" e "Urgente: Bolsonaro é citado na Lava Jato". Para dar credibilidade àquilo que distorce, monta uma estrutura semelhante à dos grandes veículos de mídia. As empresas que, hoje, não ligam para isso, financiam essa estrutura de "fake news" em até R$ 150 mil por mês – metade desse valor fica com o intermediário.

Em tempos de cuidados extremos com a reputação, não creio que as empresas estão dispostas a deixar que isso tudo continue. Mas, o que espanta, é não terem imposto controles. Já passou da hora do mundo dos negócios exigir o bloqueio àquilo que danifica sua imagem. Ninguém defende a censura, muito menos impedir a liberdade de expressão. Mas que notícias sejam o que devem ser: apuradas, checadas e apresentadas com as devidas fontes. Ao restante, é preciso dar nome e sobrenome e que seus autores assumam os riscos pelas suas opiniões, principalmente daquilo que é mentira para caçar o dinheiro de anúncios por cliques.

**Márcio Kroehn é editor de Negócios Globais da ISTOÉ DINHEIRO*

ILUSTRAÇÃO EVANDRO RODRIGUES